

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

C-EMOS 2021

A CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA DE 1962:

As Estratégias do Conflito de Thomas Schelling e a do Domínio do Mar
proporcionam uma vantagem no emprego da Força Naval?

Rio de Janeiro

2021

C-EMOS 2021

A CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA DE 1962:

As Estratégias do Conflito de Thomas Schelling e a do Domínio do Mar

proporcionam uma vantagem no emprego da Força Naval?

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: C-EMOS 2021

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2021

AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço a sapiência, a força, a paciência, a resiliência e a saúde provida durante esta pesquisa.

Às minhas amadas filha Maísa e esposa, Ísis, pela paciência em entender as ausências neste ano acadêmico e pelo irrestrito e persistente incentivo durante o período de elaboração deste trabalho.

Aos meus amados pais, Celma e Edgard e demais familiares pelo incentivo, força e apoio irrestrito prestados neste período acadêmico.

Ao meu orientador, C-EMOS 2021, pelo preciso ensinamento e oportunos conselhos ao longo da jornada desta pesquisa, sempre de maneira disposta e precisa.

Aos amigos da turma do Curso de Estado Maior para Oficiais da Marinha do Brasil de 2021 meu muito obrigado pelas experiências, ensinamentos e orientações que me fazem acreditar, cada vez mais, na camaradagem dos irmãos de armas.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram na confecção desta monografia.

RESUMO

A presente pesquisa visou identificar o emprego de força naval em crise político-estratégica, para tal, estabeleceu como objetivo a identificação de vantagem obtida pelos Estados Unidos da América (EUA), durante a Crise dos Mísseis de Cuba de 1962, com o emprego da Força Naval estadunidense. Para isso, inicialmente, adotou-se como objetivo específico, a verificação dos dois conceitos fundamentais da Estratégia do Conflito de Thomas Scheeling e da Estratégia do Domínio do Mar desenvolvido pelo Almirante Raoul Castex na realidade da Crise dos Mísseis de Cuba. Em seguida, ao aplicar estas teorias na realidade supracitada, identificou-se uma vantagem política-estratégica no emprego da sua Força Naval obtida pelos EUA. Dessa forma, inicialmente, conclui-se que os conceitos de Thomas Schelling relacionado à afirmação de que sempre haverá um interesse em comum entre as partes envolvidas num contencioso e sobre a ameaça e a coação serem ferramentas de comunicação entre os oponentes de um conflito, em conjunto com o do Domínio do Mar, desenvolvido pelo Almirante Raoul Castex, tiveram aderência nos fatos históricos da Crise dos Mísseis de Cuba. Por fim, identificou-se que o uso da Força Naval norte-americana utilizada na crise dos mísseis de Cuba foi eficiente em diluir o conflito dentro do contexto da Guerra Fria vivida pelo EUA e ex-URSS. Isso aconteceu pelo fato de o uso do armamento nuclear ser iminente, e consequentemente, o uso da Marinha norte-americana levou os soviéticos a terem apenas duas opções: usar o armamento nuclear ou recuar negociando, fato este que ocorreu e deu uma vantagem política estratégica para os norte-americanos. Além disso, oportunamente, a pesquisa indicou um possível modelo de condução de resolução de crise entre duas superpotências nucleares.

Palavras-chave: Força Naval Estadunidense. Estratégia do Conflito. Domínio do Mar Castexiano.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Espectro dos Conflitos.....	13
FIGURA 2 –	Comparação da estrutura do Comando antes e depois de 1947	54
FIGURA 3 –	Estrutura de Comando atual.	54
FIGURA 4 –	Quadro de posições e contatos da Força Naval Estadunidense do dia 23 outubro 1962.....	56
FIGURA 5 –	Estrutura de Comando do Comando da Operação Quarentena.	57
FIGURA 6 –	Quadro de posições e contatos da Força Naval Estadunidense das 1200Q do dia 24 outubro 1962.....	58
FIGURA 7 –	Quadro de posições e contatos da Força Naval Estadunidense das 2230Q do dia 24 outubro 1962.	58
FIGURA 8 –	Quadro de posições e contatos da Força Naval Estadunidense das 0300Q do dia 25 outubro 1962.....	59
FIGURA 9 –	Quadro de posições e contatos da Força Naval Estadunidense das 1200Q do dia 25 outubro 1962.....	59
QUADRO 1 –	Controle dos navios mercantes com destino a cuba no período de 22 a 28 outubro 1962.	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASW -	Guerra antissubmarino
CGT-	<i>Commander Task Group</i>
CIA -	Agência Central de Inteligência
CINCLANT -	Comandante em Chefe da Frota do Atlântico
COMCARDIV	<i>Commander Carrier Division</i>
CNO -	<i>Chief of Naval Operations</i>
CVA -	<i>Attack aircraft carrier</i>
DD -	<i>Destroyer</i>
DDR -	<i>Radar picket destroyer</i>
EGN -	Escola de Guerra Naval
EUA -	Estado Unidos da América
EXCOM -	<i>Executive Committee of the National Security Council</i>
Ex-URSS -	Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
FT -	Forças tarefas
IL-28 -	<i>Ilyushin "Beagle": twin-engine jet bomber (Soviet)</i>
IRBM -	Mísseis balísticos de alcance intermediário, do inglês <i>Intermediate Range Ballistic Missile</i>
JCS-	<i>Joint Chiefs of Staff</i>
MAD-	<i>Mutual assured destruction</i>
MAS -	Mísseis antiaéreo
MD -	Manual de Defesa Brasileiro
MRBM-	<i>Medium Range Ballistic Missile</i>
NAS -	Estação aérea naval
NM-	Navio Mercante
NS -	Estação naval

NSC -	<i>National security council</i>
OPLAN -	Plano de Operações
P2V -	<i>Lockheed "Neptune": twin-engine patrol plane (US)</i>
P3V -	<i>Lockheed "Orion": four-engine patrol plane (US)</i>
P5M -	<i>Martin "Marlin": twin-engine patrol flying boat (US)</i>
SECDEF -	Gabinete do Secretário de Defesa
SAC-	<i>Strategic Air Command</i>
SS -	<i>Diesel-electric submarine</i>
U-2 -	<i>Lockheed "U-2": single-engine high-altitude reconnaissance aircraft (US)</i>
UCC -	Comando Combatente Conjunto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	BASES TEÓRICAS.....	11
2.1	Definição de Conflito, crise e manobra de crise.....	11
2.2	Estratégia do Conflito de Thomas Schelling	13
2.3	Domínio do Mar Castexiano.....	17
2.4	Considerações Parciais	21
3	CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA À LUZ DO EMPREGO DA FORÇA NAVAL AMERICANA NO PERÍODO DE 1961 ATÉ 28 OUT 1962.	23
3.1	O caminho para a Crise dos Mísseis de Cuba	23
3.2	A Marinha dos EUA na Crise dos Mísseis de Cuba de 01 a 28 outubro de 1962.....	27
3.2.1	A Marinha Estadunidense e suas ações iniciais.....	27
3.2.2	As decisões políticas acirram a tensão da Marinha Estadunidense	30
3.2.3	As ações da Força Naval na Operação “Quarentena” no período 23 a 28 OUT.	33
3.3	Considerações Parciais	38
4	OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ESTRATÉGIA DO CONFLITO E DOMÍNIO DO MAR CASTEXIANO NA CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA	41
4.1	A Estratégia do Conflito na Crise do Mísseis de Cuba de 1962.....	41
4.2	Os conceitos de Domínio do Mar Castexiano na Crise do Mísseis de Cuba de 1962.....	45
5	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIA	50
	ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

Pode-se considerar que a Guerra Fria começou logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e foi caracterizada pela disputa ideológica do comunismo contra o capitalismo juntamente com concorrência tecnológica dos armamentos bélicos nucleares.

No período da Guerra Fria, ocorreram conflitos localizados no cenário mundial, quando as superpotências utilizaram as disputas de outros países para exercitar seus poderes de influência como crises política-estratégicas, eram as chamadas Guerras por Procuração¹ (*Proxy War*). Porém, diferentemente do período das Grandes Guerras² em que ocorreram diversos ataques armados no território das nações envolvidas, a Guerra Fria se constitui como um conflito ideológico³, conduzido sob a ameaça da destruição mútua assegurada, na possibilidade do uso de armamento nuclear, os Estado Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)⁴(MINGST, 2014).

Entretanto, pode-se destacar que no evento da Crise dos Mísseis de Cuba de 1962, o duelo foi caracterizado pelo enfrentamento direto de duas superpotências nucleares, apoiando-se nos problemas geopolíticos de Cuba.

Neste evento, presenciou-se, de um lado, a ex-URSS utilizando-se do seu armamento nuclear para alcançar seus objetivos políticos-estratégicos no cenário internacional, e, do outro lado, os EUA temerosos em se contrapor a ex-URSS com o mesmo tipo de armamento e, assim, elevar a crise para o caminho da autodestruição. Como forma de

¹É um conflito armado no qual dois países se utilizam de terceiros (“os proxies”) como intermediários ou substitutos, de forma a não lutarem diretamente entre si.

²É o período caracterizado da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

³O conflito ideológico é caracterizado atrito de imposição do sistema capitalista e socialista em territórios de outro.

⁴A URSS teve sua origem com a Revolução Russa de 1917 e consolidou-se ao final Guerra Civil Russa (1918-1922). Era formada por 15 países da Europa Oriental e norte da Ásia, entre eles Rússia, Armênia, Azerbaijão, Bielo-Rússia, Cazaquistão, Geórgia, Estônia, Letônia, Lituânia e Ucrânia. A URSS se dissolveu em 1991, dois anos depois da queda do muro de Berlim. No caso deste trabalho, iremos adotar ex-URSS.

evitar um possível confronto nuclear, os norte-americanos empregaram a sua Força Naval por meio de um bloqueio naval⁵ conduzido por uma gestão de crise a fim de atingir uma paz vantajosa.

Diante desse cenário, a presente pesquisa estudou os dois conceitos utilizados na Estratégia do Conflito de Thomas Schelling (1921-2016), do livro *The Strategy of Conflict*⁶ e o conceito de Domínio do Mar do Almirante Raoul Castex, à luz do entendimento que Lars Wedin fez deste grande Estrategista Naval do século XX, juntamente com a verificação dessas concepções teóricas dentro do conflito ocorrido entre os EUA e ex-URSS na Crise dos Mísseis de Cuba. Para isso, o propósito do estudo, inicialmente, foi verificar se as definições teóricas são válidas naquela realidade histórica. E em seguida, através da análise de aplicação desses conceitos, identificou a vantagem político-estratégica obtida pelos EUA, durante a crise dos mísseis de Cuba, a partir do emprego da sua Força Naval.

Neste sentido, o presente estudo pautou-se na pesquisa exploratória, bibliográfica e documental para compor o estudo relacionado com a linha teórica e a realidade específica associada à Teoria do Conflito (ou Estratégia do Conflito) e ao Domínio do mar na história da Crise dos Mísseis de Cuba de 1962.

A pesquisa foi desenvolvida em cinco capítulos. Após esta introdução, serão apresentados, no segundo capítulo, as definições que caracterizam conflito, crise e manobra de crise a fim de elucidar a visão que será adotada ao longo deste trabalho no estudo dos fatos históricos da Crise dos Mísseis de Cuba, e em seguida, efetivamente, será apresentado os dois conceitos da estratégia do conflito, também conhecido como Estratégia dos Jogos, de Thomas

⁵Bloqueio Naval é uma operação militar que tem por finalidade impedir que navios de todos os Estados, inimigos e neutros, entrem ou saiam de específicos portos e áreas costeiras pertencentes, ocupadas, ou sob controle de um Estado inimigo (EUA, 2007).

⁶A Estratégia do Conflito-1960 (tradução do autor)

Schelling. E em seguida, será construído o entendimento do significado de Domínio do Mar do Almirante Castex explicitado pelo Estrategista Naval Lars Wedin.

No capítulo seguinte, será estudada a Crise dos Mísseis de Cuba, com um breve histórico de como as tensões da Guerra Fria chegaram ao território cubano juntamente com a ameaça do uso do armamento nuclear e a forma de como o Governo dos EUA se organizou para gerenciar a crise, a fim de clarificar o leitor no contexto da época estudada. Em seguida, será estudada, resumidamente, a estrutura da Força Naval estadunidense, suas ações iniciais e com maior detalhe o emprego desta força no período de 23 a 28 outubro de 1962, auge da crise, com a finalidade de identificar as capacidades operacionais desenvolvidas e resultados obtidos no decorrer da crise.

No quarto capítulo, será realizada a discussão sobre a relação entre os conceitos da Estratégia do Conflito e do Domínio do Mar Castexiano e os eventos históricos ocorridos na Crise do Mísseis de Cuba de 1962. Será estudada separadamente as duas ideias, nas quais a primeira está associada à questão de resolução do conflito através do uso da força e interesse comum entre ambos e o segundo à capacidade operacional da Força Naval quanto ao controle das linhas de comunicação e condições de destruir ou neutralizar a força organizada oponente no mar.

Finalmente, baseando-se nos conceitos das teorias estudadas e aplicadas à realidade histórica, buscou-se responder a vantagem política-estratégica obtida pelo Governo dos EUA, durante a crise dos mísseis de Cuba, com o emprego da sua Força Naval.

Assim, inicia-se o estudo com a apresentação dos conhecimentos necessários para a compreensão da pesquisa. Após essas etapas, será elucidado os conceitos teóricos da Estratégia do Conflito de Thomas de Schelling e Estratégia de Domínio do Mar do Almirante Castex, este baseado na análise de Lars Wedin.

2 BASES TEÓRICAS

Inicialmente, neste capítulo, para o estudo do contencioso ocorrido entre ex-URSS e EUA em 1962, será explicitado os conceitos de conflito, crise e manobra de crise, estes dois últimos originário do Manual de Doutrina Militar de Defesa Brasileiro nº MD-51-04 emitido em 2007.

Em seguida, será listado dois conceitos da Estratégia do Conflito de Thomas Schelling que serão aplicados nas ações políticas-estratégias adotadas pelos dois países no decorrer da crise, e por fim, será construído um breve entendimento da evolução do conceito de Domínio do Mar do Almirante Raoul Castex, analisado pelo estrategista Lars Wedin. Pois, tais conceitos serão aplicados no Capítulo dos conceitos fundamentais da estratégia do conflito e domínio do mar castexiano na realidade dos mísseis de Cuba. Enfim, na última seção, será destacada algumas considerações parciais.

2.1 Definição de Conflito, crise e manobra de crise

Antes do aprofundamento nas sapiências do emprego das Forças Navais dos EUA frente ao contencioso com ex-URSS, que foi aplicado no capítulo dos conceitos fundamentais da estratégia do conflito e domínio do mar castexiano na realidade dos mísseis de Cuba, convém esclarecer os entendimentos aplicados no decorrer deste trabalho. A definição de conflito foi entendida como:

O enfrentamento por choque intencional, entre duas pessoas ou grupos de mesma espécie que manifestam, uns sobre os outros, uma intenção hostil, geralmente a propósito de um direito, e que para mantê-lo, afirmá-lo ou restabelecê-lo, tratam de romper a resistência do outro, eventualmente, pelo recurso da violência, o que pode

chegar ao caso, do aniquilamento físico do outro. (FREUND,1995, p. 58, tradução do autor⁷).

Apesar de na época da Crise do Mísseis de Cuba o *Fiel Manual 100-5*⁸ do Departamento de Exército Americano adotar três ambientes contenciosos, como guerra, conflito e paz, em que as operações militares são planejadas de acordo com cada um desses ambientes, a fim de atender objetivos específico em cada um deles. Por exemplo no contexto da Guerra, os militares estadunidenses eram empregados em operações de guerra e tinham como objetivo o combate e a vitória; no conflito, usavam outras operações que não eram a guerra com a finalidade de prevenir a guerra e resolver o conflito e, por fim, no ambiente de paz, empregavam operações sem ser de guerra objetivando a promoção da paz.

Assim, para efeito deste trabalho, não foram adotadas as concepções supracitadas estadunidense, mas sim o manual de Doutrina Militar de Defesa, lançado em 2007 pelo Ministério da Defesa Brasileiro, a fim de testar, oportunamente, a aplicabilidade deste. Pois, ele, além de discorrer sobre o conceito ora citado, conceitua também crise e manobra de crise.

Sendo assim, adotou-se o conflito com duas vertentes, uma controlável e outra incontrolável. A primeira caracterizada pela paz ou crise e a segunda como conflito armado ou Guerra⁹. (BRASIL,2007)

⁷No original em espanhol: “*El conflicto consiste en un enfrentamiento por choque intencionado, entre dos seres os grupos de la misma especie que manifiestan, los unos respecto a los otros, una intención hostil, en general a propósito de un derecho, y que para mantener, afirmar o reestablecer el derecho, tratan de romper la resistencia del otro eventualmente por el recurso a la violencia, la que puede, ilegal el caso, tender al aniquilamiento físico del otro.*”

⁸Operação de regulamentos de serviço de campo (tradução do autor). Field Manual 100-5: Field Service regulations. (FM 100-5. Cap 1)

⁹A diferença entre as expressões guerra e conflito armados se distingue em razões jurídicas, pois a guerra é entre estados, requerem declaração formal de guerra e neutralidade de acordo com as leis internacionais. E o conflito armado, é entendido com um recurso utilizados por grupos politicamente organizados que empregam a violência armada para solucionar ou impor sua vontade a outrem. Ele pode ser ou não condicionado aos preceitos das normas internacionais (BRASIL, 2017).

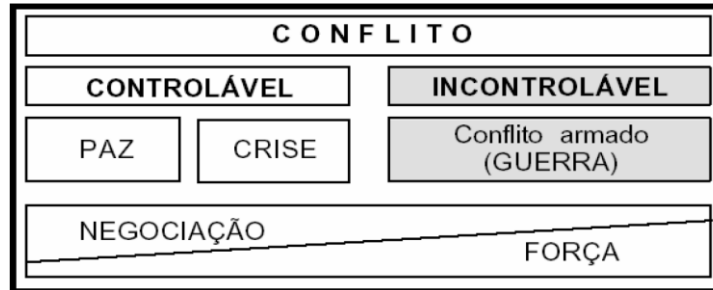


FIGURA 1 – Espectro dos Conflitos
 Fonte: Manual de Doutrina Militar de Defesa, 2007, p. 21.

Nesse sentido, a crise é um contencioso situado entre a paz e a guerra. Ela se caracteriza por um estado de extrema tensão, nebulosa solução e alto grau de incerteza, que pode ter a chance de agravamento do uso da força e escalada¹⁰ da violência. Sendo assim, ela requer uma ação de controle através de uma manobra de crise (BRASIL, 2007).

Esta manobra de crise tem por finalidade não só evitar a escala das hostilidades até o conflito armado, mas também trazer a uma paz vantajosa. Em um cenário internacional político-estratégico, ela reflete as decisões políticas de acordo com os interesses nacionais e segue através de uma sequência de ações e reações caracterizadas em desafios, desenvolvimento e resultados. Tais decisões podem desdobrar-se em acordos ou em conflitos armado (BRASIL,2007).

2.2 Estratégia do Conflito de Thomas Schelling

Nesse subitem, será apresentado duas ideias fundamentais da Estratégia do Conflito idealizada pelo vencedor do prêmio Nobel de economia, Thomas Schelling. Porém, antes de promover o seu aprofundamento, será realizado um breve resumo da carreira deste

¹⁰Ações para testar a firmeza do oponente ou aproveitar o momento propício para exercer pressão mais decisiva em busca de um acordo. Esta opção embute riscos mais elevados (BRASIL, 2007).

escritor que com seu clássico livro *The strategy of Conflict*¹¹ lançado em 1960, vem causando diversas contestações nas pesquisas modernas relacionadas com entendimento do conflito (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Thomas Crombie Schelling, filho de oficial da Marinha Estadunidense, nascido em 1921, formou-se em economia pela Universidade da Califórnia, Berkeley em 1944 e seis anos depois tornou-se Ph.D. pela Universidade de Harvard¹². Sua carreira foi marcada por vários estudos acadêmicos e funções de assessorias ao Governo Norte Americano¹³.

Na década de 1950 e 1960, teve presença no Departamento do Orçamento dos EUA, no Plano Marshall em Copenhague e Paris, na Casa Branca e o Escritório Executivo do Presidente¹⁴.

Na área acadêmica, foi professor de economia da Universidade de Yale, 1953-58 e da Universidade de Harvard, 1958-90. Também, participou da *RAND Corporation*¹⁵ em 1958-59 e do *John F. Kennedy School of Government* (Universidade de Harvard, 1969-90). Além disso, exerceu direção e foi membro de várias instituições renomadas. Agraciado com muitos prêmios como, por exemplo, o Prêmio da Academia Nacional de Ciências de Pesquisa Comportamental Relevante para a Prevenção da Guerra Nuclear, 1993,¹⁶ dentre outros.

¹¹A Estratégia do Conflito (tradução do autor).

¹²University of Maryland - School of Public Policy (archive.org). Disponível: <https://web.archive.org/web/20070703115122/http://www.puaf.umd.edu/facstaff/faculty/SchellingCV.htm> > Acesso em 10 abr. 2021.

¹³Biografia de *Thomas Schelling*. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/2005/schelling/biographical/>> Acesso em 10 abr. 2021.

¹⁴University of Maryland - School of Public Policy (archive.org). Disponível: <https://web.archive.org/web/20070703115122/http://www.puaf.umd.edu/facstaff/faculty/SchellingCV.htm> > Acesso em 10 abr. 2021.

¹⁵RAND (research and development) Corporation é uma organização sem fins lucrativos criada em 1948 pelo Douglas Aircraft Company para oferecer pesquisa e análise às Forças Armadas dos Estados Unidos. Financiado pelo governo dos EUA e por doações privadas, corporações, universidades e indivíduos privados, a empresa vem nas últimas sete décadas geraram ideias e soluções para milhares de clientes e outras partes interessadas em todo o mundo. Sua pesquisa abrange as questões mais importantes, como energia, educação, saúde, justiça, meio ambiente, assuntos internacionais e segurança nacional.

¹⁶Biografia de *Thomas Schelling*. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/2005/schelling/biographical/>> Acesso em 10 abr. 2021.

Ademais, ele é marcado pela edição de várias publicações como a teoria de conflitos e negociações, estratégia militar e controle de armas entre outros temas como mudança climáticas, terrorismo e proliferação nuclear.

O seu livro de maior destaque, “A Estratégia do Conflito-1960”, o tornou um dos ganhadores do Nobel de Ciências Econômicas de 2005 (cujo prêmio foi compartilhado com Robert Aumann) por "ter aprimorado nossa compreensão de conflitos e cooperação através da análise da teoria dos jogos"¹⁷.

Nessa obra, ele foca no estudo do conflito sobre a ótica do comportamento racional, consciente e atinado da dialética das inteligências. O autor analisa o conflito como uma espécie de competição, em que os participantes estão tentando vencer, ou seja, um estudo da estratégia do conflito, de forma a controlar ou influenciar o comportamento de outras pessoas. Para isso, mapeia as variáveis que estão sujeitas a serem controladas e que, conseqüentemente, afetam o comportamento (SCHELLING,1960).

Na existência de um conflito, a imagem de participantes que tentam vencer, faz com que a teoria da estratégia¹⁸ destaque os interesses comuns e conflitantes entre os participantes. De um lado, nota-se a dependência mútua, bem como a oposição nos assuntos internacionais, de outro, o conflito puro, em que os interesses de dois antagonistas são completamente opostos. Assim, vale destacar que esse é um caso especial, pois nele surgem uma guerra de extermínio completo. Sendo assim, o motivo de vencer em um conflito não tem um significado estritamente competitivo, ou seja, não se trata de ganhar em relação ao adversário e, sim, de ganhar pelo sistema de valores através de uma negociação, uma

¹⁷University of Maryland - School of Public Policy (archive.org). Disponível: <https://web.archive.org/web/20070703115122/http://www.puaf.umd.edu/facstaff/faculty/SchellingCV.htm> > Acesso em 10 abr. 2021.

¹⁸Para Thomas Schelling o entendimento da teoria de estratégia não está relacionado ao sentido da aplicação eficiente da força, mas sim com a exploração do potencial aparente da força. Ele não foca na ideia do ódio ou controversas entre os atores envolvidos no contencioso, ele vislumbra ambos como parceiros que não confiam e discordam um do outro (SCHELLING, 1960).

acomodação mútua ou de uma estratégia de evitar comportamentos reciprocamente prejudiciais (SCHELLING, 1960).

Se a guerra é inevitável, não há nada a ser feito além do puro conflito, mas, se houver alguma possibilidade de evitar a desolação do duelo, torna-se viável conduzi-lo de forma a amenizar o dano. Por exemplo, é possível coagir um adversário por meio de ameaças de guerra, em vez de travá-la de fato. A possibilidade de acomodação mútua é tão importante quanto dramática como o elemento de conflito. Sendo assim, os conceitos como dissuasão, guerra limitada e desarmamento, bem como negociação, preocupam-se com o interesse comum e a dependência mútua que podem existir entre os adversários (SCHELLING, 1960).

Segundo Schelling, a ideia da teoria dos jogos, ou seja, a estratégia do conflito, não é representar os conflitos internacionais por meio de resultados de soma constante ou zero¹⁹, mas sim de soma variável, pois os ganhos dos participantes envolvidos não são fixos, ou seja, um pode pontuar mais que o outro, entretanto, para ambos, os resultados podem ser úteis (que atendem seus interesses). Assim, neste placar, existe um interesse comum em alcançar resultados que são mutuamente vantajosos (SCHELLING, 1960).

Thomas Schelling ressalta também que uma ameaça tem que ser confiável para ser eficaz e que os custos e os riscos associados dependem da credibilidade do autor da ação. Para promover um contexto de eficácia, há duas vertentes a serem pensadas: quando uma ação for aplicada, o oponente deve ter uma alternativa disponível para reagir-la, ou seja, não ser inerte; e a outra é considerar que, ao aplicar uma irrefutável ameaça, há a possibilidade de essa provocar uma ação extrema do oponente, caso ele opte em reagir. Nesse último caso, o oponente não tem a opção de ações menores, o que, conseqüentemente, leva a situação ir ao

¹⁹Segundo Coutau-Bégarie, Hervé “o conflito comandado pela estratégia tem um fim que é a vitória, ou seja, o objetivo é a destruição ou, ao menos, o enfraquecimento do adversário, a fim de impor-lhe a nossa vontade. É preciso haver um vencedor e um vencido. A estratégia pura é um jogo de soma zero: o que um ganha o outro perde, de sorte que, em teoria pura, o produto final permanece constante (COUTAU-BÉGARIE, 2010. p. 69).

extremo. Assim, é fundamental destacar que “a melhor decisão de cada um dos jogadores depende da ideia que um jogador faz da escolha eventual do que está na frente dele” (SCHELLING, 1960. p. 9).

Segundo Thomas Schelling (1960), as situações conflituosas necessitam de canais de comunicação sejam ela formal ou informal, mas em todo caso a ameaça ou coação são meios de transmitir informações, as quais são extremamente úteis na teoria dos jogos, pois, assim, o oponente irá conhecer suas intenções direta ou indireta.

Diante dos conceitos supracitados por Schelling, observou-se duas essências fundamentais da estratégia do conflito, as quais foram importantes para a análise deste trabalho. A primeira foi que em toda situação contenciosa entre os dois oponentes haverá um interesse em comum, seja ele de qualquer natureza até mesmo no caso extremo a fim de evitar o risco da destruição mútua. Além dessa, a segunda, foi o uso da ameaça e coação como uma ferramenta de comunicação voltadas para se tentar uma negociação.

2.3 Domínio do Mar Castexiano

O uso da Marinha Estadunidense durante o conflito da Crise dos Mísseis de Cuba foi fundamental para fazer ascender as negociações políticas-estratégicas entre os dois oponentes. Sendo assim, o conceito de Domínio do Mar será analisado no Capítulo quatro, dos conceitos fundamentais da estratégia do conflito e domínio do mar castexiano na realidade dos mísseis de Cuba. Para isso, neste subitem, será construído o entendimento deste termo através da abordagem que Lars Wedin fez do grande Estrategista Naval do século XX, Almirante Raoul Castex. Porém, antes disso, será descrita, resumidamente, as experiências e a vida de Lars Wedin.

Lars Wedin, nasceu em julho de 1943, Capitão-de-Mar-e-Guerra da reserva da Marinha Real Sueca, membro estrangeiro da *Academie de Marine* Francesa. Oficial da armada serviu a bordo de lanchas lança-mísseis e em contratorpedeiros, além de já ter exercido comandos no mar em diversas ocasiões (WEDIN, 2015). Wedin é membro da *Royal Swedish Society of Naval Sciences*²⁰, membro associado da Academia Francesa de Fuzileiros Navais e membro prata do Instituto Naval dos EUA. Dentre os vários livros publicados, destaca-se *Stratégies maritime sau XXI e siècle L'apport de l'admiral Castex* - Nuvis, Paris 2015 (Estratégias marítimas para o século XXI. A contribuição do Almirante Castex.²¹), o qual foi traduzido para o português em 2015 com autorização do autor e anuência da Editora NUVIS, para uso da Escola de Guerra Naval (EGN) do Brasil.

Tendo em vista que Lars Wedin fez uma excelente síntese das ideias do almirante Castex difundidas na obra *Théories stratégiques*²², está composta de sete tomos e mais de 3000 páginas, e as correlacionou com uma estratégia marítima contemporânea para século XXI (COUTAU-BÉGARIE, 2010). Cabe aqui, entender o conceito de Domínio do Mar na visão de Castex a fim de aplicá-la na análise do capítulo quatro, quanto ao emprego da Força Naval estadunidense no evento da Crise do Mísseis de Cuba.

Segundo Lars Wedin em seu livro *Estratégias Marítimas no Século XXI*, Castex ao desenvolver sua obra de estratégia naval teórica²³ evolui sua ideia apoiando-se nos conceitos dos estrategistas navais da sua época, como o Sir Philip Colomb (1831-1899), Alfred T. Mahan (1840-1914) e Sir Julian S. Corbett (1854-1922) (WEDIN, 2015). Assim, antes de Wedin expor o conceito de Domínio do Mar Castexiano, faz-se necessário entender

²⁰ Sociedade Real Sueca de Ciências Navais (tradução do autor).

²¹ Biografia de *Lars Wedin*. Disponível em: <<http://wedinstrateg.fr/curriculum-vitae/>> Acesso em 10 abr. 2021.

²² Teorias estratégicas (tradução do autor).

²³ Mahan e outros lançavam as bases de uma estratégia marítima teórica fundamentada no método histórico, uma escola essencialmente francesa, conduzida por um estrategista de grande valor que foi em seguida caricaturado, o Almirante Aube, lançava os fundamentos de uma estratégia marítima partindo do estado da técnica (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

de forma resumida a obra destes três teóricos a fim de elucidar a percepção de Domínio do Mar de Castex. Inicia-se com:

- Alfred T. Mahan foi um dos mais famosos estrategistas navais de seu tempo. Sua principal obra foi “A influência do poder naval na história”. Ele filosofou sobre a essência da guerra naval, pois observou a importância do Domínio do Mar e as suas consequências para as nações ao longo da história. Mahan afirmou que o controle das vias marítimas garante às nações a predominância militar e econômica. Para isso, um dos principais métodos da guerra é a Batalha Decisiva²⁴. Tal estratégia tem como missão principal a destruição ou paralisia da esquadra adversária de modo a assegurar o Domínio do Mar, podendo em seguida atacar o comércio ou as costas do inimigo (MAHAN,1890);

- Colomb, oficial da marinha inglesa e estrategista naval, tem como principal obra a *Naval Warfare*²⁵ (1891). Ele foi contemporâneo de Mahan e ao escrever a referida obra concorda com conceito do Domínio do Mar através da Batalha Decisiva, entretanto afirma que nem sempre será possível. Então, Colomb desenvolve um novo conceito chamado Esquadra em Potência (“*flotte em vie*”), na qual o combate entre esquadras é evitado e a existência de uma esquadra forte quebra a vontade do adversário em combater, ou seja, não há o uso efetivo da força (WEDIN, 2015); e

- Sir Julian S. Corbett, advogado não praticante, estudava e escrevia sobre a história da Marinha Britânica. Nos períodos de 1905 a 1910 e 1914 a 1915, foi conselheiro do ilustre Chefe Naval e reformador da Marinha Britânica o Almirante Sir John Fisher. Em 1911, Corbett publica o livro “Princípios da Estratégia Marítima” e apresenta uma teoria estratégica global aos intelectuais navais da época. Ele afirma que a comunicação marítima²⁶, ou seja, os

²⁴Batalha Decisiva é o combate entre duas esquadras no mar.

²⁵Guerra Naval (tradução do autor)

²⁶Transporte marítimo, ou seja, os navios não militares que circulam pelo oceano dando suporte a economia de uma nação.

comércios marítimos do adversário é o principal objetivo das operações navais. E, identifica uma estratégia marítima, a qual se insere a estratégia naval como vertente militar. Seu ponto de vista sobre o controle relativo do mar é confirmado com o cenário dos ataques dos submarinos ao comércio aliado durante a Grande Guerra, pois nesse contexto os aliados tinham o domínio da superfície do mar e não conseguiram o Domínio do Mar Mahaniano. Além disso, ele afirmava que a guerra no mar era limitada, no espaço e no tempo, conforme foi observado na guerra das esquadras russo-japonesas em 1904-1905(WEDIN, 2015).

Face a esse contexto de idéias, Lars Wedin, inicialmente, constatou que Castex adotou a combinação entre as ideias de Mahan e Colomb, pois Castex²⁷(1997, citado por WEDIN, 2015) considerou que Colomb chegou ao mesmo resultado que Mahan, ou seja, o Domínio do Mar é alcançado somente com a destruição da força organizada do inimigo em uma Batalha Decisiva. E assim, também, Castex²⁸(1997, citado por WEDIN,2015) discordou da tese de *Colomb* sobre o “*flotte em vie*”²⁹.Castex³⁰(1997, citado por WEDIN,2015) enalteceu Mahan como o criador da Estratégia teórica sobre o mar, cujo fim principal foi a guerra naval com as força de alto-mar.

Ao final como diz Lars Waden, “subjctivamente, ao ler e comparar Castex e Cobert, parece-me que Castex é muito mais cobertiano que mahnaniano”, pois ao se aprofundar nos escritos de *Théories stratégiques*³¹, Lars observou que como a experiência vivida por Castex na Grande Guerra e Segunda Guerra Mundial o permitiu refletir sobre conceito de Domínio do Mar. E assim, compactuou com a ideia Cobertiana que o Domínio do Mar é limitado no espaço e no tempo, sendo o objetivo principal da força organizadas o

²⁷Castex, *Théories stratégiques*, op.cit. Tomo I,1997. p.39, 42 e 192.

²⁸Castex, *Théories stratégiques*, op.cit. Tomo I,1997. p.39.

²⁹Significa Esquadra em Potência.

³⁰Castex, *Théories stratégiques*, op.cit. Tomo I,1997. p.40.

³¹Teorias Estratégicas (tradução do autor)

controle das linhas de transporte marítimo, mas não abandonou o combate entre as forças navais (WEDIN, 2015).

Dessa forma, pode-se entender que, ao estudar o conceito de Domínio do Mar Castexiano, inicialmente, observou-se que ele adotou a ideia do combate entre duas esquadras, afirmando que quem destruísse a força naval do oponente garantiria o Domínio do Mar. Entretanto, com o pós-guerras e com a experiência vivida por Castex, ele relativizou tal conceito, aplicando as ideias de Corbett e Mahan e afirmando que para se obter o Domínio do Mar deve-se ter como objetivo principal o controle das Linhas de Comunicação Marítima do adversário.

2.4 Considerações Parciais

Neste capítulo, discorreu-se sobre o conceito de conflito seguido de duas ideias importantes presentes na Estratégia do Conflito, que foi o interesse comum entre os participantes de um jogo e o uso da coação ou força a fim de obter um canal de comunicação com adversário, e elucidou-se a ideia da estratégia de Domínio do Mar do Almirante Castex. Assim, pode-se observar as seguintes conclusões: primeiramente, a afirmação de que o conflito tem seu conceito de uso efetivo da força relativizado, pois, de um lado, há utilização da palavra na sua interpretação única de uso puro da força, e do outro, uma graduação da intenção do uso da força até efetiva ação da violência máxima, ou seja, essência da Guerra. Assim, criou-se um conceito de transição chamado crise, a qual pode ser gerida em um ambiente contencioso entre dois oponentes através de uma manobra de crise a fim de obter uma paz vantajosa para ambos os oponentes.

Em segundo lugar, observou-se a estratégia do conflito, na qual há presença da racionalidade no comportamento junto com a dialética consciente das inteligências dos

opponentes, levando o conflito a ser caracterizado como uma competição em que os participantes possuem interesses em comuns e conflitantes. Porém, se tais interesses comuns forem atingidos há possibilidade de extinção da crise. Além disso, o uso da força ou da coação praticada entre os oponentes em um conflito, ou crise, é caracterizado com uma forma dos oponentes comunicarem seus interesses.

Por fim, de acordo com o Almirante Castex, a Força Naval será capaz de obter o Domínio do Mar caso tenha inicialmente o controle das linhas de comunicação marítima do oponente e, caso exista no teatro marítimo a presença de uma força naval adversária, a Esquadra deverá ter a capacidade de destruí-la ou neutralizá-la.

A seguir, foi estudado a Crise dos Mísseis de Cuba de 1962 à luz do emprego da Força Naval estadunidense.

3 CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA À LUZ DO EMPREGO DA FORÇA NAVAL AMERICANA NO PERÍODO DE 1961 ATÉ 28 OUT 1962.

Neste capítulo, será exposto o contexto histórico em que se inseriu a Crise dos Mísseis de Cuba juntamente com ampliação e o temor do uso da arma nuclear, além disso, será descrito o emprego da Força Naval estadunidense e as contribuições alcançadas por esta força singular na distensão da crise. Para isso, o presente capítulo foi dividido em três seções, sendo a primeira explicitando a tensão nuclear nas relações política-estratégicas entre ex-URSS e USA e a chegada deste contencioso em território Cubano. Na segunda seção, será apresentada a estrutura, o emprego e ações da Marinha norte-americana no período de primeiro a 28 outubro de 1962. E por fim, na seção 3.3, será destacada algumas considerações parciais.

3.1 O caminho para a Crise dos Mísseis de Cuba

Historicamente, desde o século XIX, Cuba foi uma nação que recebeu fortes influências econômicas, estruturais e políticas do EUA em razão de sua proximidade com este país e de sua riqueza agrícola do açúcar. Entretanto, a década de 1960 e 1970, com o mundo vivendo as ideologias da Guerra Fria e o país afundado em grandes disparidades sociais, corrupção e fragilidade política, fez ascender ao poder cubano Fidel Castro. Este promove ações políticas e econômicas a fim de transformar sua nação em um regime comunista e, assim, redistribuir as riquezas e atender as necessidades da maioria pobre de seus pais. Para isso, ele se afasta dos EUA e busca apoio econômico e militar da ex-URSS (STATEN, 2005).

Diante deste cenário, no período de abril a meados de junho de 1962, o Premier Nikita Khrushchev³² decidiu instalar os sistemas de mísseis balísticos³³ de alcance médio (SS-4 Sandal)³⁴ e intermediário (SS-5 Slean)³⁵ em Cuba, além de outros armamentos bélicos convencionais. Ele idealizava que tal ação responderia primeiramente ao “*gap*”³⁶ tecnológico dos mísseis soviéticos, ora tornado público e visível no cenário internacional; segundo ajudaria a Fidel Castro a dissuadir a possível ideia dos estadunidenses de invadir Cuba, pois aqueles alimentavam a frustração do insucesso da invasão da Baía dos Porcos³⁷; e terceiro responderia a demanda hegemônica dos EUA em pressionar a ex-URSS com seus aviões com capacidade de arremessar armamento nuclear juntamente com a existência de sistemas de lançadores de mísseis balístico de alcance intermediário (IRBM) na Turquia, considerado como região de influência soviética (GARTHOFF, 1992).

Os mísseis balísticos de alcance médio (SS-4 Sandal) e intermediário (SS-5 Slean) direcionados aos Estados Unidos iriam ajudar a União Soviética até que os avanços tecnológicos possibilitassem a fabricação de mísseis mais avançados, ora em desenvolvimento, como por exemplo o modelo SS-9³⁸, de terceira geração, com previsão de prontificação para o final década de 70 (GARTHOFF, 1992).

³²Nikita Khrushchev foi o líder da ex-URSS, como primeiro-secretário do Partido Comunista, de 1953 a 1964.

³³Mísseis que atingem camadas altas da atmosfera em sua trajetória, com a finalidade de alcançar grandes distâncias. Após a queima do combustível, o míssil segue uma trajetória balística, não podendo mais ser alterada.

³⁴Foi um míssil balístico de médio alcance desenvolvido e utilizada pela ex-URSS e sua designação SS-4 *Sandal* foi dada pela OTAN. O míssil SS-4 dava aos soviéticos a capacidade de lançar ataques com mísseis nucleares de médio alcance e era a principal arma no arsenal russo para ameaçar a Europa ocidental.

³⁵Foi um míssil balístico de alcance intermediário, desenvolvido e utilizada pela ex-URSS e sua designação SS-5 *Slean* foi dada pela OTAN.

³⁶Desequilíbrio de poder nuclear, que era a favor do EUA, pois três anos antes, Washington havia instalado mísseis balísticos de médio alcance, codinome Júpiter, na Turquia (BLAINEY, 2010).

³⁷Região do globo localizada no sudoeste de Cuba. O nome da Baía dos Porcos deriva, de acordo com a lenda popular, pela existência de grande quantidade de animais selvagens no território antes da chegada da civilização.

³⁸É da família de mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs) e veículos de lançamento espacial (Tsyklon) projetados pela União Soviética durante a Guerra Fria. Recebeu o codinome no nome de relatório da OTAN SS-9 Scarp. Era capaz de transportar três ogivas e foi o primeiro míssil soviético MRV (veículo de reentrada múltipla). (Helms, Richard; Hood, William (2004). *Um olhar sobre meu ombro: uma vida na Agência Central de Inteligência*.p. 385. ISBN 0812971086)

Por um lado, observou-se que Cuba aproxima-se ideologicamente e economicamente ao regime soviético a fim de afastar-se dos EUA e de aumentar a sustentabilidade do seu regime de Governo. Por outro, a ex-URSS ao utilizar-se de instrumentos bélicos pressiona os EUA a retirar seus armamentos nucleares instalados na Turquia e que contribui para a manutenção do duelo ideológico no cenário internacional da época. Além disso, desperta e intensifica a tensão do uso do armamento nuclear.

Antes de primeiro de outubro de 1962, a inteligência estadunidense suspeitava de um acúmulo militar soviético em Cuba, mas não sabia se esses armamentos incluíam armas estratégicas capazes de ameaçar o território estadunidense. Entretanto, no dia 16 outubro, o McGeorge Bundy³⁹, com dados provenientes do voo de reconhecimento do avião espião U-2⁴⁰ sobre Cuba, informa ao Presidente John Kennedy que foram identificados locais de instalações de mísseis balísticos em território cubano (UTZ, 1993).

Neste momento, iniciava um dos maiores temores do mundo contemporâneo até então vivido, pois à medida que as duas superpotências nucleares se contrapunham diretamente, ascendia a crise entre a ex-URSS e EUA através do conflito direto no episódio da Crise do Mísseis de Cuba de 1962.

Neste contexto, cabe pontuar, que segundo Mingst (2014), conforme aumentava a percepção dos avanços tecnológicos e o aperfeiçoamento do uso bélico nuclear das superpotências, observava-se que ambos os lados agiram com prudência nos seus anseios de dominarem o Sistema Internacional⁴¹, uma vez que, no caso do uso desse artefato bélico, os dois sofreriam danos extremos e de difícil recuperação. Tal situação, foi batizada de “Destrução Mútua Garantida” – *Mutual Assured Destruction* (MAD).

³⁹Assistente especial de assuntos de segurança nacional.

⁴⁰A aeronave Lockheed U-2, apelidado de Dragon Lady, é um avião de reconhecimento em altas altitudes, utilizado pela Força Aérea dos Estados Unidos da América.

⁴¹Ambiente das interações sociais que extrapolam as fronteiras dos Estados nacionais, caracterizado pela ausência de um governo ou leis que regulem as relações que nele acontecem (PECEQUILO, 2012).

Com a informação da instalação dos mísseis em Cuba, o Presidente Kennedy a fim de lidar com a situação convoca o Conselho de Segurança Nacional, com o codinome de Comitê Executivo (EXCOM – *Executive Committee of the National Security Council*). Nesse Comitê, havia a participação do Vice-presidente, Lyndon B. Johnson (1908-1973) do Secretário de Estado David Dean Rusk (1909-1994), do Secretário de Defesa Robert Strange McNamara (1916-2009), do Assistente Especial para Assuntos de Segurança Nacional McGeorge Bundy (1919- 1996), do Chefe do Estado-Maior conjunto dos EUA general Maxwell D. Taylor (1901- 1987), entre outros (MCMASTER,1997).

Na reunião, o grupo construiu o consenso de que a ex-URSS deveria retirar os mísseis estratégicos de Cuba. Porém, dentre as ações a serem implantadas houve divergências, pois uns defendiam uma ofensiva aérea com a possibilidade de um desembarque anfíbio aerotransportado, outros o uso combinado de força militar e diplomática compelindo os soviéticos para remover suas armas ofensivas e alguns a combinação de força convencional e negociação (UTZ, 1993). Neste cenário, o grande fato que dificultava a decisão era a possibilidade de o oponente utilizar armas nucleares.

Nesse sentido, com o objetivo investigativo, novos voos da aeronave U-2 revelaram a construção de um parque para lançamento do míssil SS-5, o qual era muito mais poderoso que o SS-4 e com o dobro de alcance (UTZ, 1993). Este fato, fez o Presidente estadunidense juntamente com seus conselheiros, explorar a ideia de realizar um bloqueio naval (PATTERSON, 1997). No entanto antes disso, foi realizado uma ação diplomática, na qual o Presidente Kennedy se reuniu com o embaixador soviético Dobrynin e o Ministro do Exterior Andrei Gromoyko e informou sobre a existência de dois mísseis IRBM (SS-5-Seak) e seis MRBM (SS-4 Sandal) em território cubano e, em contrapartida, o Gromoyko afirmou que Nikita tinha uma postura defensiva e não estava instalando mísseis ofensivos (UTZ, 1993).

Como foi possível verificar no parágrafo supracitado, o Governo dos EUA, diante da ameaça nuclear, estabeleceu um gabinete de crise, o *National Security Council* (NSC)⁴², o qual assessorou o Presidente durante a manobra de crise, apresentando sugestões para evitar a escalada das hostilidades até o conflito armado a fim de proporcionar uma paz vantajosa. Este Conselho refletiu as decisões política-estratégicas na expressão do Poder Militar. Com isso, oportunamente, pode-se inferir, de acordo com as definições iniciais do conflito, expostas no capítulo das bases teóricas, que o manual de Doutrina Militar de Defesa, lançado em 2007, do Ministério da Defesa Brasileiro no que diz respeito a crise e manobra de crise, tem correspondência com o caso em estudo.

3.2 A Marinha dos EUA na Crise dos Mísseis de Cuba de 01 a 28 outubro de 1962

3.2.1 A Marinha Estadunidense e suas ações iniciais

Após a Segunda Guerra Mundial, o Governo dos EUA por meio da *National Security Act of 1947*⁴³ e da *DoD Reorganization Act of 1958*⁴⁴ reestruturou a linha de comando da Força Naval conforme Anexo A e suas formas de emprego. Com este ato, os assuntos militares e políticos tratados foram geridos em dois órgãos distintos de

⁴²Conselho de Segurança Nacional (tradução do autor).

⁴³Lei Nacional de segurança (tradução do autor) – tal lei criou a Força Aérea dos Estados Unidos, a Agência Central de Inteligência (CIA), o Gabinete do Secretário de Defesa (SECDEF) e sistema Comando Combatente Unificado (*Unified Combatant Command-UCC*).

⁴⁴Lei de reorganização do departamento de Defesa (tradução do autor) – tal lei estabeleceu uma linha de comando direto entre o Presidente, via Secretário de Defesa, com os Comandos Combatentes Unificados (UCC), estes receberam o comando operacional de toda a força subordinada, podendo ser alterada somente com autorização do Presidente.

assessoramento, o *National Security Council (NSC)*⁴⁵ e *Joint Chiefs of Staff (JCS)*⁴⁶. O primeiro assessorava o Presidente quanto aos efeitos políticos-estratégicos e de Segurança Nacional, já o segundo era voltado para os planejamentos e emprego da força armada conforme a necessidade política.

Essa reestrutura da linha de comando da Força Naval estadunidense foi eficientemente, pois antes mesmo de eclodir a crise, os EUA apresentavam planos de contingência nos quais o Comando Combatente Unificado (UCC)⁴⁷ trabalhava, eles eram conhecidos como Plano de Operações (OPLAN) 312, 314 e 316⁴⁸. Ou seja, já havia uma unidade de Comando Militar responsável pelas manobras militares na região de Cuba, a UCC, conduzida pelo Comandante em Chefe da Frota do Atlântico (CINCLANT) Almirante Robert L. Dennison (ANDERSON, 1962).

Com eminência da crise, no dia primeiro de outubro de 1962, o Almirante Robert L. Dennison, já com as unidades da Frota do Atlântico agregada, inicia a revisão dos três planos supracitados e movimentava as Forças Navais nos mares do entorno de Cuba, a fim de assegurar o cumprimento de um desses planos e, conseqüentemente, construir a capacidade de empregar e manter a superioridade no controle do mar, em caso de acionamento da Força (UTZ, 1993).

No decorrer das três semanas iniciais de outubro, há um aumento no fluxo de Navios militares estadunidense nos mares Caribenhos e do Atlântico Ocidental, Anexo B. O

⁴⁵Conselho Nacional de Defesa (tradução do autor) - Centraliza e coordena as ações políticas de segurança nacional e dar rumos à política externa dos EUA.

⁴⁶Chefes do Estado-Maior Conjunto (tradução do autor).

⁴⁷No Original em inglês: *Unified Combatant Command* (UCC). O UCC foi criado pela Lei de Segurança Nacional de 1947, o que significou que Estados Unidos continuaria a ter um sistema global e contínuo de presença militar em todo o mundo e um comando unificado das forças. As Leis de reestruturação da Defesa dos EUA deram ao Estado-Maior Conjunto (JCS) a responsabilidade de estabelecer comandos unificados em áreas estratégicas, sujeito à aprovação do Presidente e Secretário de Defesa.

⁴⁸Os Planos de contingência para Cuba eram OPLAN 312 com objetivo ataques aéreo a Cuba; 314 invasão em larga escala no território cubano e 316 uma versão rápida do plano 314, um ataque aéreo, após cinco dias de preparação e em seguida um desembarque anfíbio aerotransportado (WALTER, 1992).

porta-aviões nuclear *Enterprise* (CVA 65) e seus *Destroyers*⁴⁹ estavam em movimento na Costa EUA, e um destes *Destroyers* foram posicionados no estreito do canal da Florida, tais meios estavam executando a função de esclarecimento, com exceção desse último que exercia a função de piquete (UTZ, 1993).

O Vice-Almirante Edmund B. Taylor, Comandante da Força de Submarino do Atlântico conduzia exercícios de Guerra antissubmarino (ASW) com *Destroyers*, submarinos e porta-aviões antissubmarino equipado com aeronaves S2F⁵⁰ e helicópteros ASW no Atlântico Ocidental. Esse exercício, também recebia apoio de aeronaves patrulhas de terra como P2V, P3V e P5M⁵¹ (UTZ, 1993).

O porta avião *Independence* (CVA 62) com seu grupo aéreo embarcado juntamente com os *Destroyers English* (696), *Hank* (DD 702), *O`Hare* (DDR 889) e o *Corry* (DDR 817) operaram no mar do leste da Florida (UTZ, 1993).

Além disso, os dois grupos de esquadrões aeronavais foram realocados para a Estação Aérea Naval (NAS) de Key West e a Estação Naval (NS) de Roosevelt Roads em Porto Rico (UTZ, 1993).

Por fim, o Comandante da Força Anfíbia do Atlântico conduzia oito navios anfíbios, três batalhões de desembarque juntamente com vários esquadrões aéreos de fuzileiros navais, cujo objetivo era o exercício de desembarque na Ilha Viesques de Porto Rico, Operação “Ortarc” (UTZ, 1993).

Pode-se observar que a estrutura organizacional das instituições de Defesa dos EUA proporcionou uma autonomia nas ações da Marinha, pois, mesmo antes da decisão

⁴⁹Contratorpedeiros (tradução do autor). Trata-se de um tipo de navio de guerra, rápido e manobrável, concebido para escoltar navios maiores numa esquadra naval ou comboio de navios e defendê-los contra agressores menores, mas perigosos.

⁵⁰Grumman S-2 Tracker (S2F antes de 1962) foi a primeira aeronave produzida para a guerra antissubmarina, construída para entrar em serviço para a Marinha dos Estados Unidos.

⁵¹P2V - Lockheed "Neptune"; P3V - Lockheed "Orion" e P5M - Martin "Marlin", modelos de aeronave de patrulha marítima e anti-submarina.

política do seu emprego na crise, já existia um Comandante Militar responsável pela aérea que havia se antecipado em relação à crise, posicionando a Força Naval no entorno dos mares caribenhos e do atlântico ocidental de forma discreta, ou seja, sem causar alarde.

3.2.2 As decisões políticas acirram a tensão da Marinha Estadunidense

Com a Força Naval praticamente operando no entorno da Ilha de Fidel Castro e o Presidente Kennedy afrontado com aumento dos recursos bélico nucleares que ameaçavam cada vez mais o território estadunidense, Kennedy, apoiou-se no emprego da Força Naval, e anunciou a execução da “quarentena”⁵², a qual entrou em vigor no dia 24 outubro às 10 horas da manhã (UTZ, 1993).

Em contrapartida a essa ação, o Ministro da Defesa Soviético Rodion Malinovsky colocou as Força Armadas em estado de alerta máximo e manteve todos os militares das forças estratégicas e de submarino a bordo. Cuba também colocou suas forças no maior grau de prontidão e determinou a sua milícia rumar para Guantánamo (UTZ, 1993).

Além destas ações dos oponentes, cabe aqui pontuar que neste período existiam quatro submarinos diesel da classe “*Foxtrot*”⁵³ soviéticos que haviam sido lançados da península de *Kola* a noroeste de *Murmansk* em primeiro de outubro de 1962, com destino ao

⁵²É um Bloqueio naval, com o codinome “quarentena”, pois aquele nome é considerado pelas leis internacionais um ato de Guerra. A Marinha ficaria autorizada a parar e inspecionar todos os navios suspeitos de carregar armamentos ofensivos que estivesse com intenção de ultrapassar a linha de patrulha em direção à Cuba. E a Linha de patrulha era um arco de 500 milhas náuticas ao norte e a leste do Cabo Maisi, o ponto mais a leste de terra em Cuba.

⁵³Conhecido como projeto 641 ou submarino diesel-elétrico, classe *Foxtrot*, da Marinha Soviética.

porto de Mariel-Cuba para estabelecer uma base de Submarinos. Cada submarino estava armado com quatro torpedos, sendo um com ogiva nuclear⁵⁴.

Assim, iniciava-se o jogo das negociações através do uso das forças navais convencionais. A Marinha dos EUA, que já estava com sua força em torno de Cuba, ativa suas Forças Tarefas (FT, *Task Force*, em inglês) a fim de executar as ações políticas determinadas na operação “quarentena”. As três principais forças que operaram durante a crise foram FT 135, FT 136 e FT 81-83, que estão com suas linhas de comandos detalhadas no Anexo C. Além disso, havia a Força Tarefa Anfíbia que cumpria exercício de “Ortsac” durante a crise e apoiou a evacuação e o reforço de suprimentos bélicos à Base Naval de Guantánamo⁵⁵, contudo esta última não será objeto de análise desse trabalho.

As três forças tarefas supracitadas rapidamente se fizeram presentes no controle e domínio das águas cubanas, conforme constata no quadro de acompanhamento do *Chief of Naval Operations*⁵⁶ (CNO), conhecido como “*Flag Plot*”, no Anexo D.

A FT 135 que era comandada pelo COMCARDIV 2, Contra-Almirante *Hayward*, e composta pelos Porta-Aviões *Independence* com *Carrier Air Group 7*, o *Enterprise* com *Carrier Air Group 6*, dois esquadrões *Destroyers*, um Navio Tanque e um de munição, além de dois grupos de esquadrões de ataque e de caças baseado em *Roosevelt Roads* (Porto Rico), posicionaram ao Sul de Cuba a fim de proteger a força das ameaças submarinas (UTZ, 1993).

A Força Tarefa 136 que era comandada pelo Almirante Ward foi determinante para o cumprimento das ações de controle do mar e de demonstração força. Elas foram

⁵⁴Relatório da Sede da Frota do Norte Soviética, "Sobre a participação dos submarinos 'B-4', 'B-36', 'B-59', 'B-130' da 69ª brigada de submarinos da Frota do Norte na Operação 'Anadyr' durante o período de outubro a dezembro de 1962", por volta de dezembro de 1962. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB399>>. Acesso em: 30 maio. 2021.

⁵⁵Base naval norte-americana, estabelecida na província de Guantánamo, em Cuba. Abriga desde 2001, a prisão de Guantánamo, para prisioneiros acusados de terrorismo.

⁵⁶Comandante de Operações Navais (tradução do autor).

divididas em três grupos de tarefas: o CTG 136.1, CTG 136.2 e CTG 136.3, os quais foram posicionadas em torno da linha de quarentena conhecidas como "Walnut" (UTZ, 1993).

O CTG 136.1, comandado pelo Comandante *Cruiser-Destroyer* Flotilla 6 (Contra-Almirante John W. Ailes, III), era composto por dois cruzadores (*Newport News* e *Canberra*), dois líderes de *Destroyers*, dois *Destroyers* de mísseis guiados, dois *Destroyers* de piquetes radar, um *Destroyer* antisubmarino, e nove *Destroyers* (UTZ, 1993).

O CTG 136.2, comandado pelo Comandante Carrier Division 18 (Contra-Almirante Ernest E. Christensen), era composto por um porta-aviões antissubmarinos (CVSA 9 - *Essex*) e quatro *Destroyers*, formou o grupo de porta-aviões antissubmarinos, complementado por esquadrões aéreos de guerra antissubmarinos, baseados nas Bermudas e Porto-Rico. Este Grupo Tarefa ficou posicionado a oeste do centro geral da linha de quarentena. Suas aeronaves foram capazes de fornecer vigilância aérea ao norte e oeste da linha, incluindo a área aberta entre o norte da linha e a costa da Flórida (UTZ, 1993).

O CTG 136.3, o Grupo de Apoio Logístico Móvel comandado pelo Comandante de Elokomin, Capitão W. O. Spears Jr., consistia em dois navios tanques, um navio de munição e dois *Destroyers* (UTZ, 1993).

Ainda para efetivamente controlar e bloqueia os navios mercantes o entorno de Cuba, em suas três dimensões, a TF 136 teve apoio da TF 81-83 Comandada pelo Vice-Almirante Edmund B. "Whitey" Taylor, Comandante da Guerra antissubmarina do Atlântico, complementado a vigilância aérea no entorno. Existia também, a vigilância oriunda das aeronaves de patrulha da Marinha que operavam em pontos amplamente separados como Argentina, Nova Escócia, Rio Patuxent, Maryland, Norfolk, Virgínia, Jacksonville, Flórida, Bermudas, Roosevelt Roads, Porto Rico, Base Naval de Guantánamo, Cuba e Açores (UTZ, 1993).

Diante do exposto, percebe-se que a decisão política de Kennedy de utilizar a Força Naval Estadunidense representou uma forma de ameaçar e mostrar que não seria permitido aos soviéticos instalarem armamentos nucleares em território cubano, em resposta ao desafio soviético. Também pode-se aferir que praticamente, em ato contínuo ao anúncio da quarentena, a Força Naval encontrava-se operacionalmente organizada com suas escalas de Comandos delineadas e com seus meios preposicionados no entorno de Cuba e apta a cumprir a missão de interceptar e inspecionar os navios suspeitos que fossem para portos cubanos.

3.2.3 As ações da Força Naval na Operação “Quarentena” no período 23 a 28 OUT.

Com a quarentena naval de Cuba prevista para entrar em vigor às 14 horas do dia 24 de outubro, a Esquadra do Atlântica e a Agência Central de Inteligência (CIA) estavam observando atentamente os movimentos dos navios soviéticos (UTZ, 1993). E, segundo David Coleman⁵⁷, os estadunidenses identificaram vinte e dois navios a caminho de Cuba, desses, dezesseis eram navios de carga secos e seis navios-tanque. Acreditava-se que outros seis incluiriam paradas em Cuba antes de rumarem para outros portos. Os analistas estavam mais interessados nos navios de carga seca porque eles teriam capacidade de transportar materiais bélicos para Cuba. Três destes navios de carga são dotados de conveses grandes o suficiente para acomodar MRBM ou IRBM.

Um dia antes do início da operação da quarentena, o Almirante Dennisson, CINCLANT, estabeleceu o controle físico da operação militar no quartel da Base Naval de Norfolk-Fla a fim de controlar as operações de bloqueio naval no seu Teatro de Operações (UTZ, 1993).

⁵⁷<https://jfk14thday.com/tracking-soviet-ships-october-25/>

Diante deste contexto, foi observado que a Marinha norte-americana operou na plenitude de sua capacidade e, assim, para melhor descrição desse período de atuação da Marinha dos EUA, inicialmente, o foco será nas operações de bloqueio e inspeção dos Navio Mercantes e em seguida, nas operações antissubmarino, pois existiam submarino soviéticos no teatro de operações.

No ambiente da superfície do mar, o controle do tráfego mercante com destino a Cuba foi acompanhado intensamente pela inteligência e pela Força Naval. Um dia antes da implantação da operação, os oficiais da Marinha dos EUA identificaram o NM Kimovsk e o NM Yuri Gagarin (Navio cargueiro da Classe LenninskyKomsolmol⁵⁸), ambos navios de carga seca, sendo eles os primeiros a serem interceptados. A localização de ambos era conhecida através de correções de localizadores de direção e acreditava-se que os voos de reconhecimento aéreo os encontrariam facilmente. Porém, ao anoitecer, o NM Yuri Gargarin foi localizado em Cuba e um novo navio, o MN Poltava, foi detectado (UTZ, 1993).

Segundo Curtiz A. Utz, no seu livro *“The U.S. Navy and the Cuban Missile Crisis”*, o Navio cargueiro da Classe Leninsky Komosomol, provavelmente estaria transportando até treze bombardeiros soviéticos IL-28 *Beagle*⁵⁹ desmontados e com suas peças expostas no convéns. E o outro cargueiro, o Poltava, segundo dados fotográficos originários da aeronave de patrulha, foram observados anéis estranhos montados em cima de caminhões expostos no convéns, tais estruturaras segundo a inteligência seriam peças estruturais do suporte do misseis de médio alcance o SS-5 (IRBM).

Neste caso, o Almirante Anderson, CNO determinou que o navio Cruzador Newport (CA148) interceptasse e inspecionasse o MN Poltava e que o Crusador de mísseis

⁵⁸Os navios da classe LeninskyKomsomol foram os primeiros navios mercantes da União Soviética a ter motores de turbina. Eles eram chamados de "turbo-corredores" nos noticiários e por marinheiros. Foi uma classe de 25 navios de carga secas que vão para o oceano.

⁵⁹É um bombardeiro a jato do período pós-guerra imediato que foi originalmente fabricado para as Forças Aéreas Soviéticas.

guiados Canberra (CGS2) executasse a mesma missão com o MN Kimovsk, esse já nas proximidades da linha de patrulha, às dez horas do dia 24 outubro, início da quarentena (UTZ, 1993).

Ao entrar em vigor a operação da quarentena, a força naval estadunidense rapidamente ocupou a linha inicial de patrulha com FT 136 e em ato contínuo foi observado que quatorze (Anexo E) dos vinte e dois navios, que a CIA tinha identificado com rumo para Cuba, tinham invertidos sua rota para o lado oposto, como destino aos portos soviéticos.⁶⁰

Como nem todos os navios soviéticos regressam aos seus destinos, a Força Naval teve que manter a compilação do quadro tático a fim de cumprir sua missão de não autorizar a entrada de suprimentos bélico em território cubano. Sendo assim, as ações da força naval intensificaram-se nos dias seguintes, cumprindo com proficiência três eventos significativos de controle do tráfego mercante ocorridos no Teatro de Operações.

O primeiro foi marcado no dia 24 de outubro com a interceptação, inspeção visual e fotográfica do MN soviético Bucarest realizanda pelo *Destroyes* Gearing, neste caso, Kennedy acreditou que a insistência do MN Bucarest em cruzar a linha era um teste de veracidade da ação implantada pelos EUA (UTZ, 1993).

A segunda, ocorrida no dia 25 outubro, foi a operação de localização e a inspeção do NM Marucla de bandeira Libanesa que estava transportando carga para Cuba. Esta ação foi cumprida pelo porta-aviões Essex juntamente com seus meios aéreos e navios de escotas (DD -John R Pierce e DD-Joseph P. Kennedy), os quais localizaram o navio e procederam com a inspeção através da presença de oficiais da marinha norte-americana verificando o manifesto de carga e a realizando uma inspeção visual da carga. Após a inspeção, o navio foi autorizado a atravessar a linha da quarentena (UTZ, 1993).

⁶⁰<https://jfk14thday.com/tracking-soviet-ships-october-25/>

O terceiro e último evento envolvendo as linhas de comunicação marítima, ocorreu no sábado do dia 27 de outubro de 1967, nesse momento, a operação da quarentena chega ao seu ápice máximo com a ocorrência de quase um confronto entre EUA e Ex-URSS. O MN petroleiro Grozny, carregando de amônia, aproximou-se da linha da quarentena e Washington temia, que Moscou pretendia testar a quarentena com esse navio. Os aviões de patrulha da Marinha tinham detectado o navio Grozny no dia anterior, entretanto, perderam o acompanhamento do contato. Em razão disto, a Marinha obteve apoio da Aeronaves RB-47 da Força Aérea norte-americana, que operava em prol da SAC, que deslocou esse meio para operar na Base Naval de Bermuda (UTZ, 1993).

Durante o emprego das aeronaves RB-47, uma delas se acidentou e um piloto morreu, porém, a outra aeronave BR-47, depois de comunicar por rádio a localização do petroleiro, realizou um bombardeio simulado no navio para detê-lo, mas não obteve sucesso (UTZ, 1993).

A tensão chegou ao extremo quando o NM Grozny continuava rumando em direção a linha da quarentena e não respondia o alerta de parar do *Destroyer* norte-americano. Diante desta situação, o Almirante Dennison, CINCLANT, ordenou que os navios nas proximidades carregassem seus canhões e atirassem nas proximidades do Grozny. Tal ação fez com que o mercante parasse a máquina, e consultasse via rádio as orientações de Moscou. E assim, o mesmo se retirou da zona de quarentena (UTZ, 1993).

Com os fatos supracitado, observou-se que a Força Naval estadunidense conseguiu manter o controle do espaço marítimo e não permitiu que nenhum navio cruzasse a linha da quarentena sem ser inspecionado.

No ambiente abaixo d'água, fatos significativos que ocorreram demandaram a versatilidade do emprego de meios navais na guerra antissubmarina. No Teatro de Operações Caribenho, existiram quatro submarinos soviéticos a diesel da classe “*foxtrot*” que haviam

suspendido de Kola a noroeste de Murmansk-URSS e estavam cumprindo operação “kama”⁶¹, porém foram detectados pela Força Naval da quarentena dos EUA.⁶²

Segundo Curtiz A. Utz (1993), os seguintes eventos ocorreram com a Força Naval neste ambiente subaquático: o primeiro ocorreu no dia 24 outubro, no qual a Força da quarentena detectou o primeiro submarino soviético, chamado o de contato C-18, dentro da linha da quarentena e a 400 milhas náuticas ao norte de Porto Rico. No dia seguinte, quando a FT 83.2 detectou outro submarino, chamado C-19, a 150 milhas náuticas da linha da quarentena e com rumo para Leste. O C-19 apesar de submerso foi acompanhado por aeronave e navios da força a fim de confirma a manutenção do rumo para leste.

Em seguida, no dia 26 outubro, no teatro de operações, novamente, os navios e os meios aeronavais da Marinha estadunidense detectaram dois submarinos soviético, chamados C-20 e C-21. O C-20 foi localizado dentro da área da quarentena a sudoeste da Bahamas pela FT ASW (FT-81-83). E o outro, C-21, localizado a leste da Jamaica pela FT 135. Neste momento, o Comandante da Força Tarefa da Quarentena, Almirante Ward, não só movimentou a Força de Porta Aviões (FT135) para mais próximo da costa da Jamaica a fim de dificultar as medidas de quebra de contato por parte do submarino, mas também enfatizou essa força com mais outros cinco *Destroyers*. Todas as unidades da FT-135 e FT 136 intensificaram suas buscas tanto por meio do emprego dos navios de superfície quanto aéreo (UTZ, 1993).

O Grupo de Tarefas Alfa (FT83) também atuou em cima do contato submarino C-19, no dia 27 outubro, lançando cinco bombas de profundidade ao lado desse contato com a finalidade de avisá-lo que ele estava sendo acompanhado pelas forças navais. Assim, três

⁶¹Uma parte da Operação “Anadyr” foi a Operação Kama, um plano para colocar sete submarinos de mísseis balísticos soviéticos em Mariel, Cuba, assim como as estações dos Estados Unidos de submarinos de mísseis balísticos em Holy Loch, Escócia.

⁶² <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB399/docs/Report%20of%20the%20submarine%20mission.pdf>

armamento nuclear e do emprego da Força Naval dos EUA, pode-se inferir os seguintes desfechos:

- A fragilidade política, econômica e social em Cuba fez ascender ao poder cubano Fidel Castro e, conseqüentemente, marcou a entrada deste país na esfera de influência da ex-URSS;

- Diante do cenário de disputa de poder e afirmação das ideologias vividas nesta época de Guerra Fria entre os EUA e a ex-URSS, essa última aproveitou, oportunamente, a questão supracitada e apoiou Cuba de modo ideológico e militar a fim de rivalizar com seu oponente EUA. Porém, ao adotar uma postura de ameaçar o território estadunidense com a instalação dos sistemas de mísseis balísticos de alcance médio (SS-4 Sandal) e intermediário (SS-5 Skean), em Cuba, os soviéticos geram um conflito direto entre as duas superpotências, até então, nunca ocorrido na Guerra Fria;

- Apesar do temor em relação ao uso do armamento nuclear, não havia interesse do emprego efetivo desse artefato bélico, pois por parte dos soviéticos o discurso se centrava na necessidade de proteger Cuba de uma invasão dos EUA, forçar os estadunidenses a retirarem os seus sistemas de mísseis instalados na Turquia e contrabalancear o poder bélico dos oponentes no sistema internacional; e

- Do lado dos estadunidenses, foi adotado um gabinete de crise que foi conduzido pelo nível político em conjunto com as ações militares que se apoiaram no uso da Força Naval dos EUA. O presidente Kennedy ao decidir empregar um Bloqueio Naval, com o codinome “quarentena”, utilizar a força a fim de coagir os navios soviéticos ou de outras bandeiras, que possam estar carregando artefatos bélico nuclear para Cuba. Assim, os EUA afirmam seu interesse em que não seria admitido a instalação de armas nucleares localizados em território cubano com capacidade de atingir os EUA.

Contudo, conclui-se que o uso da Força Naval foi eficiente, pois ela contava com uma estrutura organizacional que já tinha conhecimento da área na qual seria empregada, além disso, já possuía o Comando Combatente do Atlântico ativado antes da implantação da quarentena. Ademais, a separação dos assuntos da crise foi tratada em dois fóruns diferentes, um em que o nível político discutia as possíveis soluções, e outro na Junta Militar de Defesa, em que se debatia o emprego do aparato militar e efetivava as ações políticas determinadas.

No dia 24 outubro de 1962, ao ser estabelecido a execução da Operação de Quarentena pelo nível político, observa-se que, de imediato, a linha de quarentena foi guarnecida pelos meios que se encontravam em adestramento ao redor de Cuba, formando assim, os FT 135, 136 e FT 81-83. Tal aparato de guerra convencional, logrou êxito no controle da linha de comunicação que estavam com destino para Cuba. Todos os Navios mercantes que se aproximaram da linha de quarentena foram identificados e inspecionados como, por exemplo, os Navios Mercantes Bucarest (bandeira soviética) e Marucla (bandeira libanesa). Muitos navios mercantes soviéticos decidiram não cruzar a linha de bloqueio e retorna para seus portos de origem como foi o caso dos Navios Mercantes Poltova e Grozny. Enfim, a Força Naval conseguiu controlar todos os navios mercantes com destino a Cuba.

Além disso, a Marinha norte-americana que operava na operação de bloqueio, conseguiu também identificar os quatro submarinos soviético da classe foxtrot, os quais estavam cumprindo a missão “Andry”, e neutralizá-los. Nesse sentido, a única opção dada a eles, foi vir a superfície e tomar rumo de retorno a base soviética. Mais uma vez, a força naval consegue dominar o cenário naval, só que dessa vez, contra a força naval da ex-URSS.

No próximo capítulo, em busca de responder uma das questões desta pesquisa, será analisado se há a aderência das duas ideias conceituais da Estratégia do Conflito na Crise do Mísseis de Cuba e se as ações da Força Naval estadunidense empregada na Crise tiveram aderência nos conceitos do Domínio do Mar de Castex.

4 OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ESTRATÉGIA DO CONFLITO E DOMÍNIO DO MAR CASTEXIANO NA CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA

Neste capítulo, inicialmente será aplicado os dois conceitos estudados na Estratégia do Conflito de Thomas Schelling na realidade da Crise dos Mísseis de Cuba de 1962. E, em seguida, será também aplicado o conceito de Domínio do Mar Castexiano na crise supracitada, à luz do emprego da Força Naval estadunidense no período de 24 a 28 outubro de 1962.

4.1 A Estratégia do Conflito na Crise do Mísseis de Cuba de 1962

Na década de 70, Thomas Schelling, ao pautar-se no comportamento racional e na dialética das inteligências humanas, produziu ideias inovadoras sobre a condução de um conflito. Dentre elas, trabalhou dois conceitos fundamentais: o primeiro, foi a hipótese de que em qualquer situação conflituosa há uma margem de interesse comum, “mesmo que, no caso dessa cooperação, limitar-se, ao final das contas, em impedir o risco de destruição mútua” e, o segundo, trata-se da necessidade fundamental de apresentar sua intenção ao adversário e, assim, Schelling afirma que “A ameaça e a coação são, ao final um tipo de comunicação”.

Ao analisar as ações tomadas pelo dois opoentes durante a Crise dos Mísseis de Cuba, pode-se aferir que os principais pontos de interesses comum entre os EUA e ex-URSS foram a não disposição de empregar o uso efetivo dos seus armamentos nucleares e a remoção dos dispositivos bélicos nucleares que tinham capacidade de atingir seus territórios.

Apesar da Crise dos Mísseis de Cuba ter sido marcada pelo medo do uso efetivo do armamento nuclear, é possível afirmar que de acordo com eventos ocorridos, os dois oponentes não tinham interesse de utilizá-lo.

Como pode-se constatar, a ex-URSS ao instalar os mísseis em Cuba, afirma que a intenção seria proteger Cuba de uma invasão estadunidense, manter sua proeminência no força a remoção e pressionar a remoção dos sistemas de mísseis balísticos estadunidenses instalados na Turquia.

A ex-URSS também, no decorrer da crise, posiciona-se em reuniões diplomáticas com os EUA afirmando que o sistema de mísseis de Cuba tinha um caráter defensivo. Além disso, nos momentos de maiores tensões ocorridos durante a quarentena realizada pela Força Naval estadunidense, nos quais as linhas de comunicação marítima foram bloqueadas, os navios mercantes soviéticos sofreram ações de inspeções e até mesmo tiros de advertência ao seu redor, como foi o caso MN Grozny. Nesse sentido, a ex-URSS adotou a posição de fazer seus navios regressarem para seus portos de origem sem atravessar a linha da quarentena e os submarinos soviéticos dotados de torpedos convencionais e um desses com ogiva nuclear, ao serem detectados nas proximidades da linha de quarentena também mantiveram a decisão de regressarem para ex-URSS, optando por não utilizarem esse armamento. Um dos fatos mais marcante que corroboram essa assertiva, foi que os soviéticos decidiram propor um acordo com os EUA no final de outubro de remover os sistemas de mísseis instalados em Cuba.

Do lado dos EUA, observou-se que no dia 16 de outubro de 1962, o Presidente estadunidense reuniu-se com seu Gabinete de Crise, EXCOM, ao tomar conhecimento da existência de mísseis balísticos soviéticos em Cuba. Dessa reunião, foram idealizadas o uso da força convencional, atos diplomáticos e até mesmo negociação, a fim de lidar com cautela com a situação.

No diálogo estabelecido nesse gabinete de crise, prevaleceu a ideia de não utilizar o armamento nuclear, pois, apesar de alguns membros do gabinete de crise estadunidense terem chegado ao consenso da obrigatoriedade da retirada dos sistemas de mísseis de Cuba,

foi decidido que essa não se daria a partir de medidas extremas, pois havia o receio de o oponente utilizar armas nucleares.

Outro fato que contribuiu para a assertiva de não utilizar o recurso bélico nuclear, foi a decisão do Presidente Kennedy em estabelecer um Bloqueio Naval a Ilha de Cuba. Com essa escolha, intitulada como uma “quarentena”, os EUA renunciaram a um ataque direto ao território cubano com a força convencional, ou seja, optaram por estabelecer uma ameaça sem evocar um ato de Guerra, o qual poderia chegar a opção do uso do armamento bélico nuclear.

Além disso, um dos fatos mais importantes para confirmar o desinteresse de empregar o armamento nuclear estadunidense, foi devido ao aumento da tensão com uso da Força Naval a partir de eventos como a infração da aeronave U-2 invadindo o espaço aéreo da ex-URSS no sudoeste da Sibéria, a outra aeronave U-2 sendo derrubada pela bateria de mísseis antiaéreo (MAS) em território cubano e o Chefe do Estado Maior Conjunto, Almirante Anderson, propondo um aumento da intensidade do uso da Força Militar. Neste momento, o Presidente Kennedy aceita o acordo proposto pelos soviéticos e, assim, suspende a quarentena e promete não invadir Cuba, além de retirar os mísseis instalados na Turquia (PATTERSON, 1997).

Por fim, quanto ao interesse comum de retirar os sistemas balísticos que tinham capacidade de atingir o território do oponente, pode-se constatar que houve uma tentativa de comunicação por parte das duas superpotências, EUA e ex-URSS. Apesar de, inicialmente, o Presidente Kennedy ter respondido a carta soviética apenas no dia 26 outubro, na qual solicitava suspender a quarentena e não invadir Cuba, somente se os sistemas de armas ofensivo soviético fossem retirados e certificados por órgão internacional (PATTERSON, 1997). Ele teve que informar ao embaixador soviético que o governo dos EUA aceitaria a proposta de Nikita Khrushchev para remover os mísseis de Cuba e tornaria público a promessa de não invadir Cuba (UTZ, 1993), mencionando que a retirada dos IRBMs dos EUA

da Turquia ocorreria no futuro próximo, de três a quatro meses. Dessa forma, o interesse dos soviéticos na retirada de mísseis balísticos que atingem o território dos EUA também seria atendido, corroborando, assim, a aceitação do acordo por parte do Premier Khrushchev (PATTERSON, 1997).

Ao analisar as ações tomadas pelo dois opoentes durante a Crise dos Mísseis de Cuba, pode-se aferir que os principais pontos de interesses comum entre os EUA e ex-URSS, foram a não disposição de empregar o uso efetivo dos seus armamentos nucleares e a remoção dos dispositivos bélicos nucleares que tinham capacidade de atingir seus territórios.

Ao analisar o segundo argumento da necessidade fundamental de promover o conhecimento de sua intenção ao adversário através da comunicação do uso da ameaça e a coação, observou-se momentos em que o ex-URSS e EUA utilizaram-se de ações de ameaça e coação durante a Crise. Por exemplo, quando a Nikita decide apoiar Cuba e instala mísseis balístico com capacidade de atingir o território estadunidense, ele produz um canal de comunicação através da ameaça a fim de que o EUA retirasse seus mísseis instalados na Turquia. Além disso, determinar que tanto os navios MN Bucaresto quanto o Grozny insistissem em atravessar a linha de quarentena estadunidense.

No lado dos EUA, pode-se citar que o emprego da Força Naval durante a operação de quarentena foi um ato de coação e demonstração de força norte-americana. Isso aconteceu, pois as inspeções e vistorias nos navios mercantes com destino a Cuba juntamente com as ações de guerra antissubmarinas realizadas contra os submarinos soviéticos podem ser caracterizados como um canal de comunicação da Força. Assim, afirma-se que não seria permitido a instalação de sistema de mísseis balístico no território cubano.

Dessa forma, pode-se inferir que as duas ideias supracitadas de Thomas Schelling da Estratégia do Conflito tiveram aderência nos eventos ocorridos na Crise dos Mísseis de Cuba.

4.2 Os conceitos de Domínio do Mar Castexiano na Crise do Mísseis de Cuba de 1962

Desde o início do século XIX, surgiram três grandes estrategistas navais como Mahan, Cobert e Colomb que elaboraram diferentes conceitos de como uma Força Naval poderia obter o Domínio do Mar. Além deles, destacamos o Almirante Castex que com sua longa trajetória de vida pôde acompanhar os conceitos desses estrategistas, vê-los aplicados durante as duas Guerras Mundiais, fazê-lo refletir sobre o conceito e, por fim, aperfeiçoá-lo a definição de Domínio do Mar.

Assim, o Almirante Castex, segundo Lars Wedin, definiu que para uma força naval obter o Domínio do Mar seria necessário que as linhas de comunicação marítima do adversário fosse objetivo principal Forças Naval, mas também não descartou o combate com a força naval adversária.

Dessa forma, ao analisar os fatos ocorrido durante o emprego da Força Naval estadunidense durante a Crise dos Mísseis de Cuba, verificou-se dois momentos que levam a concluir que a o Domínio do Mar Castexiano existiu.

O primeiro fato é caracterizado quando o Presidente Kennedy determina o emprego da Força Naval estadunidense em uma operação de bloqueio, chamado de quarentena, na qual nenhum Navio Mercante carregado com material bélico nuclear poderia passar pela linha da quarentena. Nesse caso, a Marinha estadunidense estabeleceu o controle das linhas de tráfego marítimo que chegavam a Cuba. Esse controle do tráfego mercante foi pleno, pois as linhas de comunicação marítima com destinado a Cuba, no período de 24 a 28 outubro de 1962, ficou completamente controlada e nenhuma embarcação conseguiu atravessar a linha de quarentena sem ser identificado pelas Forças navais estadunidense. Como fato, cita-se o caso que ocorreu no início da quarentena, em que a inteligência estadunidense tinha identificado cerca de 22 navios a caminho de Cuba, desses quatorze inverteram o rumo e regressaram a suas origens,

conforme relatado no Anexo E. Além disso, os navios que rumavam para Cuba que tentaram atravessar a linha da quarentena foram interceptados e vistoriados como foi o caso do NM Bucarest e MN Marucla. Observou-se também, o caso do NM Grozny que apesar da resistência de não parar para ser inspecionado, foi dissuadido com tiros ao seu redor e teve como opção a inversão de rumo para regressar a seu porto de origem, sem atravessar a linha da quarentena. Todos estes acontecimentos corroboram para afirmar que as linhas de comunicação marítima dos navios que chegavam a Cuba foram controladas pela Marinha dos EUA.

O segundo fato que corrobora para afirmar que houve o Domínio do Mar Castexiano, está relacionado, nesse caso, ao conceito de que a Força Naval teve capacidade de combater a força organizada adversária, a partir das ações antissubmarinas ocorridas no teatro de operações. Os quatro submarinos soviéticos da classe *foxtrot* que estavam dotados com torpedos inclusive um com ogiva nuclear, foram rapidamente identificados e pressionados pela Força Naval estadunidenses. A presença desses submarinos soviéticos não impactou no controle das linhas de comunicação e nem mesmo causaram avarias nos meios da Marinha dos EUA, pois, de acordo com o Relatório do Quartel-General da Frota do Norte Soviética (SAVRANSKAYA,1962) e do livro “*Cordon of Steel: The U.S. Navy and Cuban Missile Crisis*” (UTZ,2013), os quatro submarinos foram detectados e forçados pelos meios navais estadunidense a vir a superfície e tomarem rumo de volta a ex-URSS.

Diante destes fatos, conclui-se que o conceito de Domínio do Mar teve aderência nas ações do emprego da Força Naval norte-americana, tanto no aspecto do objetivo principal, ou seja, obter o controle das linhas de comunicação marítima de Cuba, quanto ao combater da força organizada do oponente, nesse caso, associado ao sucesso das operações antissubmarinas realizadas pela Força Naval dos EUA. A seguir, conclui-se o estudo deste trabalho juntamente com a resposta da segunda pergunta da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Para realizar essa pesquisa, houve a escolha de duas vertentes teóricas, uma relacionado ao entendimento racional do conflito através da Estratégia do Conflito e outra a um modelo de emprego estratégico da Força Naval norte-americana, idealizado após a Segunda Guerra Mundial, o Domínio do Mar Castexiano. Foi também escolhido um contexto histórico de um conflito, caracterizado como crise, que ocorreu entre os EUA e ex-URSS durante o segundo decênio da Guerra Fria. Tal conflito, conhecido como a Crise dos Mísseis de Cuba, de 1962, teve de um lado, em seu ambiente político-estratégico, a tensão da ameaça do uso do armamento nuclear e, de outro, a eficiência do emprego da força naval norte-americana.

Sendo assim, estabeleceu-se, primeiramente, como propósito a verificação da validade das definições teóricas na realidade da Crise do Mísseis de Cuba de 1962 e, após a aplicação dos conceitos teóricos na realidade, foi identificada uma vantagem político-estratégica obtida pelos EUA, durante a supracitada crise, a partir do emprego da Força Naval norte-americana.

Para atingir esse objetivo, no capítulo dois, houve a definição do significado dos termos conflito, crise e manobra de crise e, em seguida, a examinação de duas ideias fundamentais da estratégia do conflito de Thomas Schelling: a que sempre existirá um interesse comum entre dois oponentes em um cenário conflituoso e o uso da ameaça e coação como ferramentas de comunicação voltadas para a transmissão de mensagens de interesses das partes envolvidas no conflito. E, por fim, com foco no emprego Força Naval, foi também, estudada as características necessárias do Domínio de Mar, estabelecido pelo Almirante Castex.

No capítulo seguinte, foi realizado um breve histórico, onde o foco foi em alguns aspectos da origem histórica do conflito em Cuba, da escalada da tensão do uso do armamento nuclear e a atuação da Força Naval estadunidense juntamente com as contribuições alcançadas por essa força no contexto das negociações da crise.

No capítulo quatro, aplicou-se os dois conceitos da estratégia do conflito de Schelling e do Domínio do Mar de Castex nos fatos históricos das relações política-estratégicas da Crise dos Mísseis de Cuba e na atuação da Força Naval estadunidense.

E assim, conclui-se que a presente pesquisa, pautada na junção das duas ideias fundamentais debatidas por Thomas Schelling na estratégia do conflito e o conceito de Domínio do Mar do Almirante Castex com os fatos históricos da Crise dos Mísseis de Cuba de 1962, demonstrando que uma vantagem do emprego da Força Naval estadunidense durante a Crise, por sua vez, pode ser útil para a história da marinha mundial.

A vantagem política-estratégica do emprego da Força Naval estadunidense, a partir dos conceitos supracitados, foi que os EUA conseguiram coagir o adversário que tinha armamento nuclear, ou seja, uma força naval convencional que demonstrou mobilidade, versatilidade e flexibilidade foi capaz de estabelecer um canal de comunicação através do uso da força, fazendo com que a racionalidade do oponente voltasse para um acordo que envolvesse os interesses comuns e uma paz vantajosa para ambos.

No caso em questão, a Força Naval estadunidense empregou o conceito do Domínio do Mar Castexiano no entorno de Cuba e, com isso, os interesses políticos-estratégicos dos soviéticos foram afetados, o que gerou um canal da comunicação dentro do conflito entre os EUA e ex-URSS, ou seja, foi a forma que o governo de Kennedy encontrou para utilizar a ameaça e coação a fim de transmitir a mensagem de que era necessário a retirada dos mísseis de Cuba, sem efetivamente utilizar o armamento nuclear.

Por outro lado, a ex-URSS que não empregou sua força naval para se opor aos EUA, utilizou-se da ideia de armar Cuba tanto com material bélico convencional quanto nuclear, a fim de estabelecer um canal de comunicação através do uso da coação para que os EUA retirassem seus sistemas de mísseis instalados na Turquia.

Entretanto, o uso do artefato nuclear como forma de coação tinha uma ambiguidade, pois tanto os EUA quanto a ex-URSS não tinham interesse em utilizá-los. Tal dicotomia do uso nuclear aplicado pela ex-URSS, a leva ao prudente juízo em propor um acordo.

A pesquisa também expôs um modelo de condução de resolução de crise entre duas potências nucleares. Neste caso, pode-se inferir, que duas potências nucleares, as quais tenham capacidade de atingir o território do adversário com armas nucleares, teriam como opção abster-se do uso efetivo desse artefato e empregar a Força Naval de forma a levar o adversário a mesa de negociação. Desde que essa força, ao fazer uso do Domínio do Mar Castexiano venha afetar os interesses políticos-estratégicos do oponente e do adversário, fique somente como opção de reagir com seu armamento nuclear. Neste caso, a racionalidade irá levar o adversário em optar pelo acordo.

REFERÊNCIA

ANDERSON, George W. (Chief of Naval Operations). *Report on the Naval Quarantine of Cuba, Operational*. Washington: Archives Branch, Post 46 Command File, Box 10, 1962. Relatório.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2010. 307 p.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. *EMA-305: Doutrina Militar Naval*. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. *MD 51-M-04: Doutrina Militar de Defesa*. 2.ed. Brasília, 2007.

CASTEX ALMIRANTE [Raoul], *Théories stratégiques*, Paris, Institut de Stratégie Comparée et Économica, 1997. Tomo I – VII.

COUTAU BÉGARIE, Hervé. *Tratado de Estratégia*. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.v.1. 776 p.

EUA. Department of the Army. *Field Manual 100-5: Field Service regulations*. Washington, 1962. Disponível em: < <http://www.survivalebooks.com/free%20manuals/1962%20US%20Army%20Vietnam%20War%20FIELDSEVICEREGULATIONS%20OPERATIONS%20197p.pdf> > Acesso em 09 abr. 2021.

EUA. Department of Defense. *Joint Publication 1-02: Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington, DC: The Joint Staff, 2001. 770 p.

EUA. Navy. *The commander's handbook on the law of naval operations*. Washington, DC: Department of the Navy, 2007. 115 p.

FREUND, Julien. *Sociología del conflicto*. Madrid: Ediciones Ejército, 1995.

GARTHOFF, Raymond L. *Intentions, Assessments, Actions, and Reactions of the Soviet Leadership*. In: *Colloquium on Contemporary History, A New Look at the Cuban Missile Crisis*, 18 jun. 1992, EUA. The Navy Department Library Disponível em: < <https://www.history.navy.mil/content/history/nhhc/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/n/new-look-cuban-missile-crisis.html#barlow> >. Acesso em: 03 maio 2021.

SCHELLING, Thomas. *The Strategy of Conflict with new preface the author Thomas Schelling*. Cambridge, USA. Harvard University Press. 1980. 309 p.

JEFFREY, G. Barlow. *Some Aspects of the U.S. Navy's Participation in the Cuban Missile Crisis*. In: *Colloquium on Contemporary History, A New Look at the Cuban Missile Crisis*, 18 jun. 1992, EUA. The Navy Department Library Disponível em: < <https://www.history.navy.mil/content/history/nhhc/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/n/new-look-cuban-missile-crisis.html#barlow> >. Acesso em: 03 maio. 2021.

MAHAN, Alfred Thayer. *Influence of Sea Power Upon History, 1660-1783*. [S.L.]: Pantianos Classics, First published in 1890. Ebook.

MCMMASTER, Herbert Raymond. *Dereliction of duty: Lyndon Johnson, Robert McNamara, the Joint Chiefs of Staff, and the lies that led to Vietnam*. New York; Boston: HarperCollins, 1997. 446 p.

MINGST, Karen A.; ARREGUIN-TOFT, Ivan M. *Princípios das Relações Internacionais*. Tradução de Cristiana Martins Serra. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. p. 103-108.

PATTERSON, David S. *Foreign Relations of The United States-Cuban Missile Crisis and Aftermath, Volume XI*. Washington: The Historian of Department of States, 1997. 16p. Relatório.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Manual do candidato: política internacional*. Brasília: Funag, 2012.

SAVRANSKAYA, Svetlana. *Soviet Northern Fleet Headquarters report, "About participation of submarines 'B-4,' 'B-36,' 'B-59,' 'B-130' of the 69th submarine brigade of the Northern Fleet in the Operation 'Anadyr' during the period of October-December 1962. /CARIBBEAN CRISIS/ "*. Ex-URSS: USSR Northern Fleet Headquarters, 1962. 4p. Relatório. Disponível em: < <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB399/docs/Report%20of%20the%20submarine%20mission.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2021.

STATEN, Clifford L. *The History of Cuba*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. 173 p.

The Fourteenth Day: *JFK and the Aftermath of the Cuban Missile Crisis* by David Coleman. W.W. Norton & Company, 2012. Disponível em: < <https://jfk14thday.com/naval-quarantine-line-cuban-missile-crisis/>>. Acesso em: 03 maio 2021.

UTZ, Curtis A. *Cordon of Steel: The U.S. Navy and Cuban Missile Crisis*. Washington: Naval Historical Center Department of the Navy, 1993. 57 p.

WALTER, S. poole. *How Well Did the Joint Chiefs of Staff Work?*. In: Colloquium on Contemporary History, A New Look at the Cuban Missile Crisis, 18 jun. 1992, EUA. The Navy Department Library Disponível em: <<https://www.history.navy.mil/content/history/nhhc/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/n/new-look-cuban-missile-crisis.html#barlow>>. Acessoem: 03 maio. 2021.

WEDIN, Lars. *Estratégias Marítimas no século XXI – A contribuição do Almirante Castex*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015. 235 p.

ANEXO A

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DE COMANDO DA DEFESA EUA



FIGURA 2 – Comparação da estrutura de Comando antes e depois de 1947

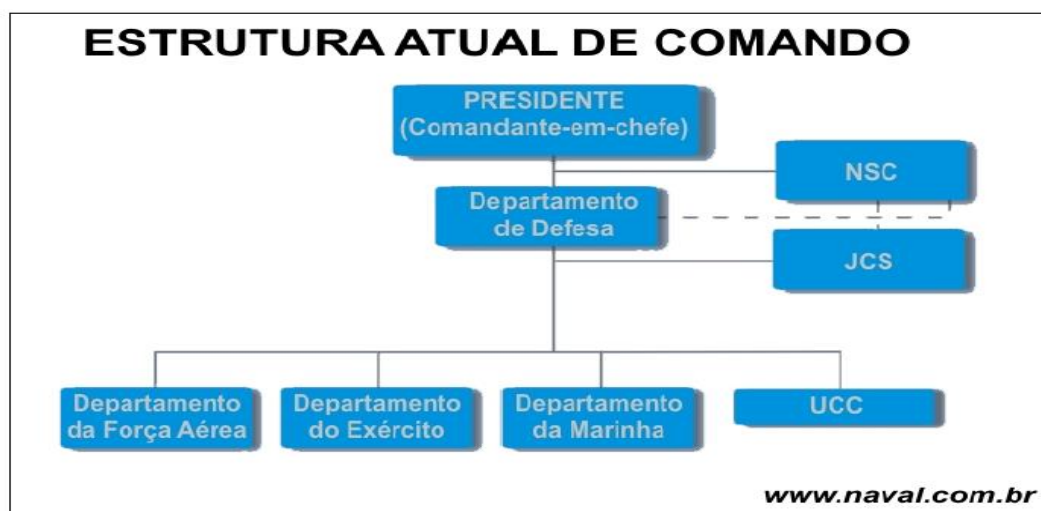
Fonte: <https://www.naval.com.br/blog/2010/08/16/a-quarta-frota-e-a-estrutura-militar-unificada-dos-eua/>.

FIGURA 3 – Estrutura de Comando atual.

Fonte: <https://www.naval.com.br/blog/2010/08/16/a-quarta-frota-e-a-estrutura-militar-unificada-dos-eua/>

ANEXO A

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DE COMANDO DA DEFESA EUA

Observações:

- **NSC** – *National Security Council* - (Centraliza e coordena as ações políticas de segurança nacional e dar rumos à política externa dos EUA).

- **JCS** – *Joint Chiefs of Staff* - (A composição do Estado-Maior Conjunto é definida por lei e consiste no presidente, vice-presidente e nos chefes do serviço militar do Exército, Marinha, Força Aérea, o Corpo de Fuzileiros Navais e da Guarda Nacional todos nomeados pelo presidente norte-americano após a confirmação do Senado. Cada um dos chefes militares individualmente, fora de suas obrigações no Estado-Maior Conjunto, trabalham diretamente para a secretaria do seu determinado departamento militar, ou seja, o Secretário do Exército, o Secretário da Marinha e o Secretário da Força Aérea.

Após a aprovação da Lei Goldwater-Nichols em 1986, o Estado-Maior Conjunto não tem mais autoridade de comando operacional, nem individualmente nem coletivamente, visto que a cadeia de comando vai do presidente ao secretário de defesa e do secretário de defesa para o Comando Combatente Unificado. A Goldwater-Nichols também criou o cargo de vice-presidente e o presidente agora é designado como o principal conselheiro militar do secretário de defesa, do Conselho de Segurança Nacional e do presidente).

- **UCC** – *Unified Combatant Commander* - (São organizações militares constituídas por integrantes de mais de uma das Forças Armadas dos EUA. Cada UCC é comandada por um oficial General de quatro estrelas e é conhecido como “Combatant Commander” (CDDR). Após a última revisão de reestruturação dos Comando das Forças realizado pela Lei Goldwater-Nichols, em 1986, os CDDR obtiveram maior autonomia ficando subordinados diretamente ao Secretário de Defesa).

ANEXO C

ORGANIZAÇÃO DA ESTRUTURA DE COMANDO DA OPERAÇÃO QUARENTENA

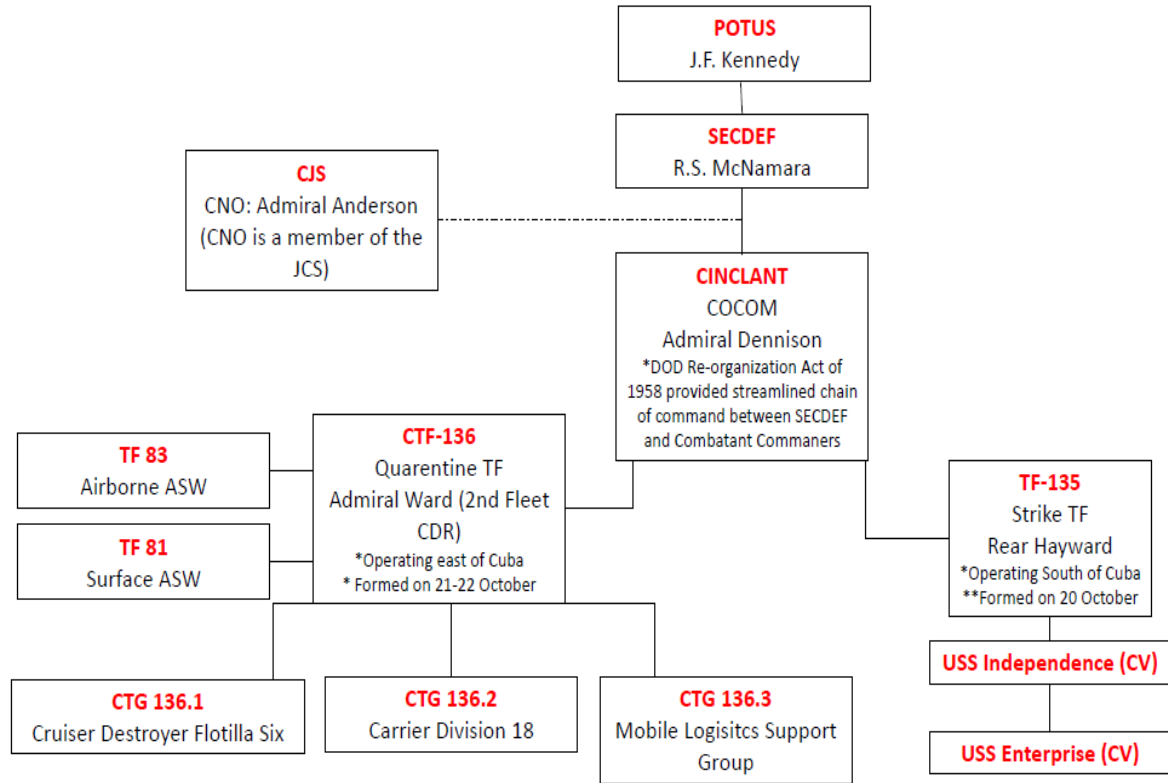


FIGURA 5 – Estrutura de Comando do Comando da Operação Quarentena.

Fonte: Elaborado pelo autor baseando se na leitura do JEFFREY, G. Barlow. Some Aspects of the U.S. Navy's Participation in the Cuban Missile Crisis. In: Colloquium on Contemporary History, A New Look at the Cuban Missile Crisis, 18 jun. 1992, EUA. The Navy Department Library Disponível em: < <https://www.history.navy.mil/content/history/nhhc/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/n/new-look-cuban-missile-crisis.html#barlow> >. Acesso em: 03 mai. 2021 ; livro Cordonof Steel: The U.S. Navy and Cuban Missile Crisis do CurtizUtz do Departamento do Centro Histórico Naval da Marinha, 1993.

ANEXO D

MOVIMENTO DA FORÇA NAVAL ESTADUNIDENSE DE 24 A 25 OUTUBRO DE 1962
NO EM TORNO DE CUBA- "FLAG PLOT".

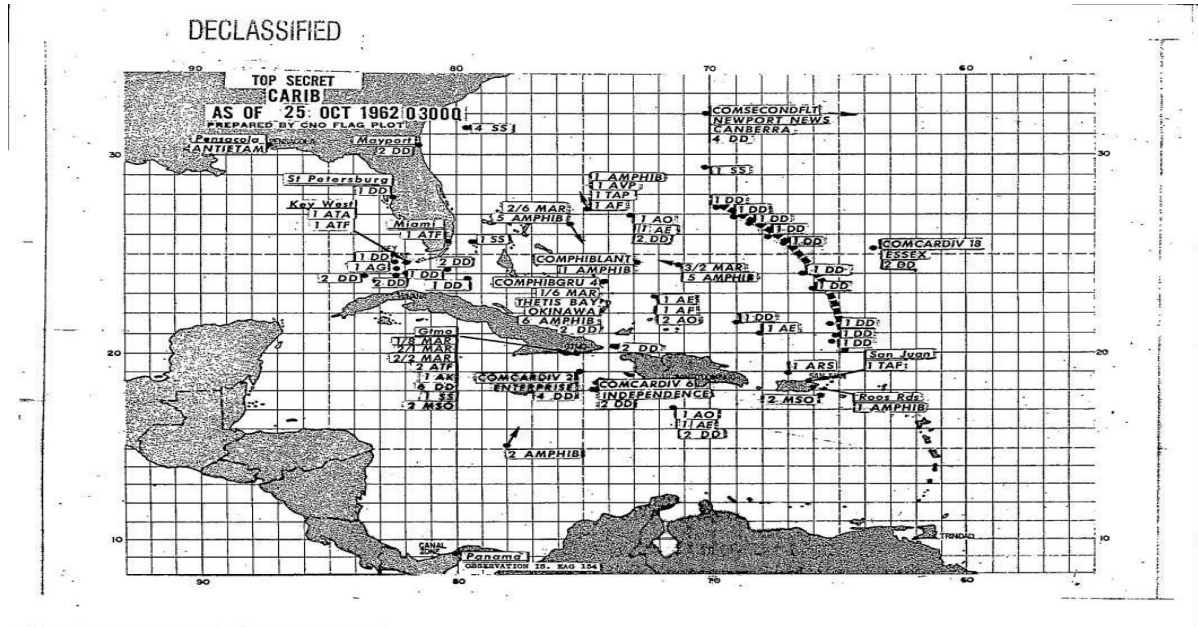


FIGURA 8 – Quadro de posições e contatos da Força Naval Estadunidense das 0300Q do dia 25 outubro 1962.
Fonte: Washington Navy Yard, U.S. Naval Historical Center, Operational Archives, "Flag Plot Cuban Missile Crisis" files: "Op-Sum Oct 62" and "Op-Sum Nov 62". Disponível em < https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB75/GENERAL_20021030_123109_002.pdf >
Acesso em: 10 mai. 2021

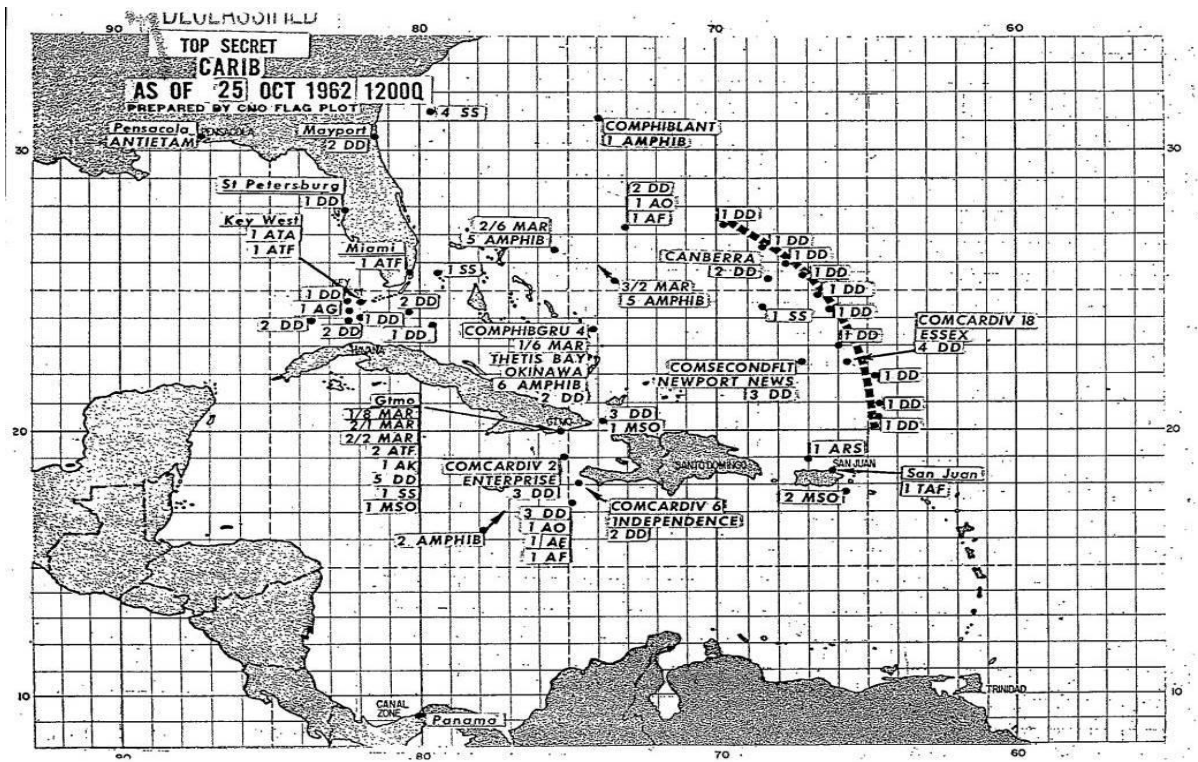


FIGURA 9 – Quadro de posições e contatos da Força Naval Estadunidense das 1200Q do dia 25 outubro 1962.
Fonte: Washington Navy Yard, U.S. Naval Historical Center, Operational Archives, "Flag Plot Cuban Missile Crisis" files: "Op-Sum Oct 62" and "Op-Sum Nov 62". Disponível em < https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB75/GENERAL_20021030_123109_002.pdf >
Acesso em: 10 mai. 2021

ANEXO E

QUADRO 1

Controle dos navios mercantes com destino a cuba no período de 22 a 28 outubro 1962

Navio Mercante Soviético	Ação tomada com o início da quarentena
Yuri Gagarin	Provavelmente tinha alterado o curso ao meio-dia de 23 de outubro e estava a caminho da ex-URSS. Estava a cerca de 500 a 600 milhas náuticas de Cuban quando o curso foi alterado.
Kimovsk	Provavelmente alterou o curso por volta do meio-dia de 23 de outubro e estava a caminho da ex-URSS. Uma comunicação interceptada indicou que estava a caminho do Mar Báltico. Estava a 700 a 800 milhas de Cuba quando voltou.
Poltava	Provavelmente alterou o curso por volta do meio-dia de 23 de outubro e agora estava a caminho do Mediterrâneo. Estava no meio do Atlântico quando se virou.
Metalúrgico Kurako	Provavelmente alterou o curso por volta do meio-dia de 23 de outubro e agora estava indo em direção à Páscoa. Estava no meio do Atlântico quando se virou.
Kislovodsk	Provavelmente alterou o curso por volta do meio-dia de 23 de outubro e agora estava indo em direção ao Mar Báltico.
Dolmatovo	Provavelmente alterou o curso por volta do meio-dia de 23 de outubro e agora estava indo em direção ao Mar Báltico.
Bolchevique Sukhanov	Provavelmente alterou o curso por volta do meio-dia de 23 de outubro e agora estava indo em direção ao Mar Báltico.
Urgench	Volte para o Mar Negro.
FizikVavilov	Deixou o Mediterrâneo por volta de 23 de outubro e voltou a entrar em 24 de outubro. Volte para o Mar Negro.
Krasnograd	Saiu do Mar Báltico em 23 de outubro e retornou em 24 de outubro.
KhirugVishnevsky	Saiu do Mar Negro em 23 de outubro e voltou a entrar 20 horas depois no mesmo dia.
Okhotsk	Virou-se no Mediterrâneo em 23 de outubro e voltou para o Mar Negro.
Mednogorsk	Virou-se no Mediterrâneo em 23 de outubro e voltou para o Mar Negro.
Sergei Botkin	Virou-se no Mediterrâneo em 23 de outubro e voltou para o Mar Negro.

Fonte: <https://jfk14thday.com/tracking-soviet-ships-october-25/>